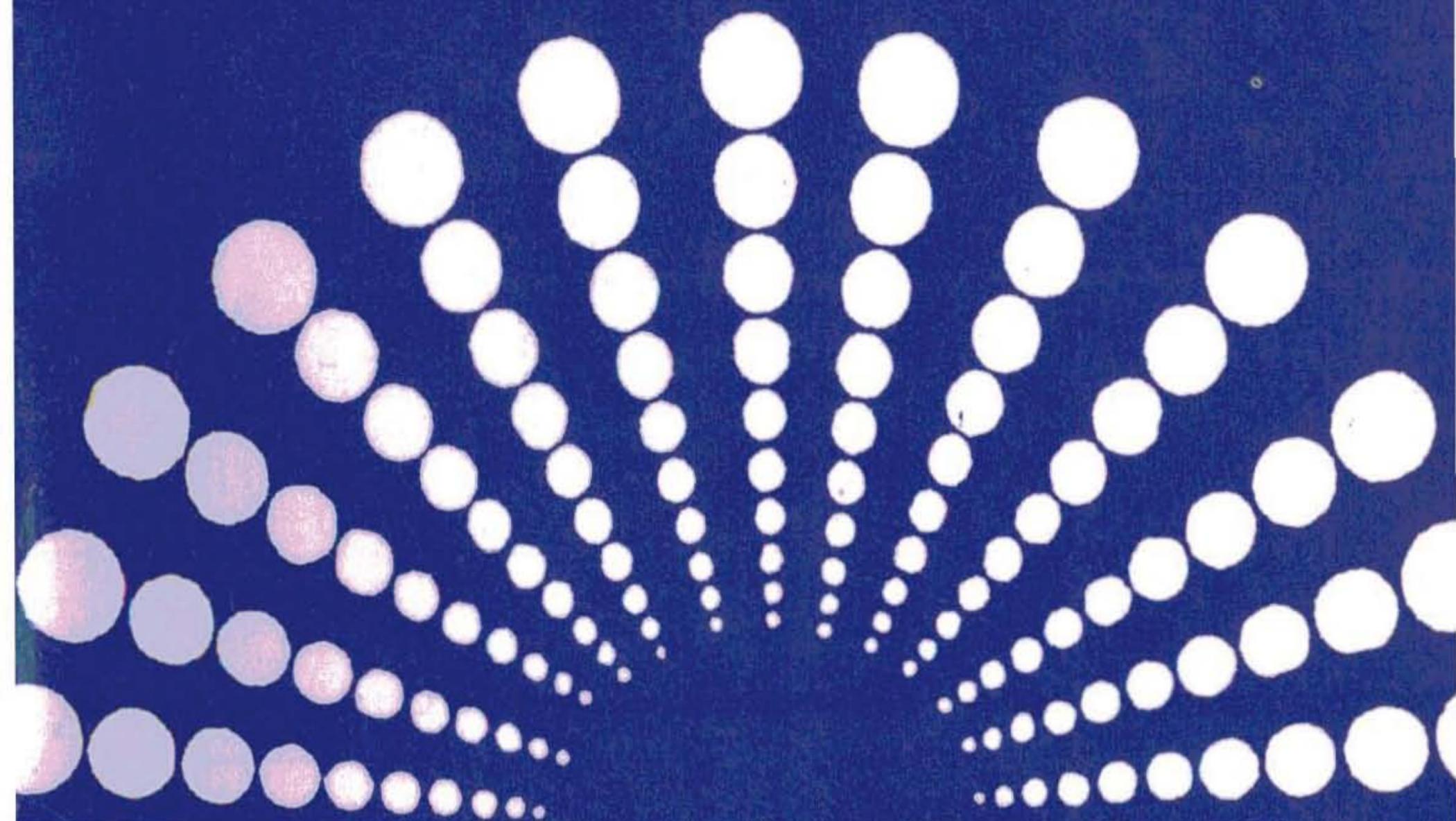


# convergência

OUT — 1979 — ANO XII — Nº 126



- JUSTIFICADOS PELA FÉ  
Frei Camilo Maccise, OCD — página 467
- CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA  
Pe. José Antônio Netto de Oliveira, SJ — página 475
- COMUNIDADE RELIGIOSA: REALIDADE OU UTOPIA?  
Pe. Cleto Caliman, SDB — página 487

CRB: 25 ANOS

## CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

**Diretor-Responsável:**

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

**Redator-Responsável:**

Padre Marcos de Lima

**Direção, Redação, Administração:**

Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar  
20031 RIO DE JANEIRO – RJ.

---

### Assinaturas para 1979:

---

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea).....	Cr\$ 280,00
Exterior: marítima .....	US\$ 17,00
aérea .....	US\$ 25,00
Número avulso .....	Cr\$ 28,00

---

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

---

**Composição:** Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 – 20211 Rio de Janeiro – RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., rua Frei Luís, 100 – 25600 Petrópolis – RJ.

---

### Nossa Capa.

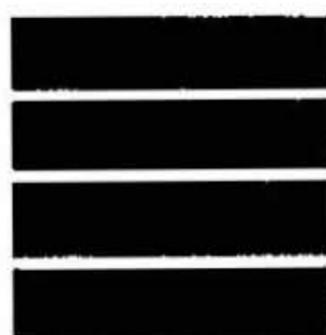
Tentativa de estilização, em formas geométricas regulares, do efeito que se segue à detonação de fogos de artifício. É um ano de Festa 1979. Estamos vivendo os 25 anos de vida da CRB. Festa para Você, Religioso e Religiosa, que começa ou já vai adiantado mas não se envelheceu interiormente pela capacidade de descobrir o sentimento da alegria e da esperança. Nossa caminhada, lado a lado, quando fraterna, o tempo só faz aprimorar. **Bodas de Prata** é uma idade jovem para uma instituição. É convite para assumir a psicologia das origens, confiando na intervenção do

Senhor que renova, periodicamente, a nossa juventude. Convite para a renovação diuturna do alegre comprometimento de ir em frente, com entusiasmo e otimismo, na rota do SOL, no caminho de DEUS.

---

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

---



## SUMÁRIO

INFORME DA CRB .....	451
MARIA NA HISTÓRIA E NA VIDA DOS POVOS LATINO-AMERICANOS Papa João Paulo II.....	457
JUSTIFICADOS PELA FÉ Frei Camilo Maccise, OCD .....	467
CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA Pe. J. Antônio Netto de Oliveira, SJ ..	475
COMUNIDADE RELIGIOSA: REALIDADE OU UTOPIA? Pe. Cleto Caliman, SDB .....	487
UMA VIDA RELIGIOSA PELOS CAMINHOS DE PUEBLA Pe. Ricardo Antoncich, SJ .....	495
LIVROS PARA VOCÊ LER.....	510

# EDITORIAL

Um dos traços mais característicos da piedade do nosso povo é a sua dimensão mariana. Maria está associada às alegrias e vicissitudes da nossa gente, à sua paixão e às suas esperanças. Muitos lugares e muitas igrejas levam o nome de Maria, ou de alguma das suas advocações. A veneração, o culto à Mãe de Deus e a impetração da sua benevolência são os rasgos mais constantes desta piedade popular.

Mas vai emergindo também, na consciência cristã do nosso povo, outro tipo de piedade, fortemente centrada sobre o seguimento e imitação da vida de Maria. E vai se articulando também, de forma cada vez mais extensa e mais precisa, uma nova explicitação da figura da Mãe de Jesus, como mulher corajosa e forte, comprometida com a libertação messiânica dos pequenos e humildes do seu povo.

A encíclica de Paulo VI, "Marianalis Cultus", pôs em evidência este rasgo da figura bíblica de Nossa Senhora: "Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher

passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo" (...). Ela, "a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor, uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (...) oferece o modelo acabado do discípulo do Senhor: obreiro da cidade terrena e temporal e, simultaneamente, peregrino solerte também em direção à cidade celeste e eterna, promotor da justiça que liberta o oprimido e da caridade que socorre o necessitado, mas sobretudo, testemunha operosa do amor, que edifica Cristo nos corações" (MC 37).

Peregrino mariano em Puebla, João Paulo II ressaltou também a figura de Nossa Senhora, apresentando-a à multidão reunida no Santuário de Zapopán, e a todo o sofrido povo latino-americano, como aquela que "nos permite superar as múltiplas estruturas de pecado em que está envolvida a nossa vida pessoal, familiar e social, que nos permite obter a graça da verdadeira

libertação, com essa liberdade com que libertou Cristo a todos os homens”.

Neste mês de outubro, **Convergência** reproduz para os seus leitores os trechos marianos mais significativos de João Paulo II, durante sua visita ao México, rezando com Ele a Nossa Senhora de Guadalupe: “Dai a paz, a justiça e a prosperidade aos nossos povos”.

**Convergência** oferece também, neste mês, vasto e sério material de reflexão sobre a Vida Religiosa e o acontecimento eclesial de Puebla.

O artigo do **Frei Camilo Macisse, OCD**, focaliza o projeto de vida do religioso como uma opção de fé, e analisa as repercussões da atual crise de fé na vida religiosa, procurando colocar em evidência o papel purificador que esta crise pode ter. Porque “relativizar as expressões de fé não quer dizer relativizar a fé. Questionar e abandonar formas superadas de ser religioso não significa questionar a vida religiosa ou rejeitá-la”.

A formação para a Vida Religiosa num momento histórico de mudanças e de crise, constitui um autêntico desafio. **Pe. José Antônio Netto de Oliveira, SJ** faz um estudo sério do assunto. Partindo do ponto de vista de que “o ponto central da formação consiste na assimilação de sua identidade”, procura fazer ver como os grandes eixos de Puebla “afetam a identidade do religioso

em nosso continente”, e quais são as conseqüências que decorrem deste fato.

Os passos e impasses na caminhada da renovação da vida comunitária são objeto de interessante reflexão pelo **Pe. Cleto Caliman, SDB**, membro da Equipe de Reflexão Teológica da Regional Belo Horizonte. Seu estudo chama a atenção para o fato de que “a comunidade religiosa renova-se não tanto como resultado de um ato de poder do superior ou do ato de decisão individual dos membros sem mais. Sua renovação é, sobretudo, fruto de uma caminhada comum, descoberta na leitura e na análise da situação, onde a comunidade como um todo, descobre sua missão e define praticamente o rumo da sua ação.”

O artigo do teólogo peruano, do **Pe. Ricardo Antoncich, SJ**, “uma vida religiosa pelos caminhos de Puebla”, constitui uma verdadeira exegese do capítulo de Puebla dedicado à Vida Consagrada, em referência constante ao conjunto do documento e à luz da atual conjuntura histórico-social e eclesial do Continente. Faz ver como “os documentos de Puebla mostram um caminho fecundo e orientador para a Vida Religiosa”, e como “é preciso reconhecer neles toda a experiência e vida que os Bispos trataram de recolher e de expressar”, durante a magna assembléia.

**Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### CURSO RUEDA

A XI AGO considerou o espírito comunitário como um dos traços determinantes da atual caminhada da Igreja no Brasil. É imprescindível hoje caminharmos juntos na fraternidade, pensarmos juntos nossa vocação a serviço de Deus. Os Superiores Maiores em contato pessoal com a CRB Nacional insistiram pela realização de algum curso especializado em vista de examinar a problemática que envolve a vida comunitária para redescobrir-lhe o sentido e os valores a serem dinamizados para a animação em profundidade do compromisso religioso de vida fraterna.

A concretização deste desejo se apresentou por ocasião de uma visita do Rev. Irmão Basílio Guzmán Rueda, Superior Geral dos Irmãos Maristas, à CRB Nacional em 1978. Por sua longa experiência e trabalhos realizados, publicações sobre a renovação da vida comunitária, Irmão Basílio era a pessoa indicada para comunicar aos religiosos suas reflexões e experiência sobre o tema. Foi-lhe feito o convite e ele, prestimosamente, aceitou, de proporcionar um curso de uma semana sobre **"Projeto de vida comunitária"**.

Não foi fácil em meio a seus inúmeros compromissos conseguir uma semana para atender a este convite. Mas com expressivo carinho para com os Religiosos do Brasil, Ir. Basílio conseguiu vencer os obstáculos e aqui chegou com a mais total disponibilidade. O curso reali-

zou-se na Casa dos Maristas, em Mendes/RJ, de 11 a 16 de junho. Entre Gerais, Provinciais, Conselheiros, Formadores, Animadores de Comunidades Religiosas, participaram 194 pessoas, de 83 Congregações.

A dinâmica do curso organizou-os em 10 grupos de vivência, oração e trabalho. A Liturgia, cuidadosamente preparada, acompanhou e vivenciou o tema de cada dia: Comunidade antiga e nova, Comunidade de Fé e de Louvor, Comunidade de Amor e de Unidade, Projeto de vida comunitária, o Mistério da Obediência carismática, Oração e contemplação. Os grupos viveram ricas experiências de oração e partilha o que propiciou um clima de profunda interiorização e comunicação. Na avaliação final o curso foi considerado excelente pela grande maioria dos participantes. Na apreciação global se evidenciou, a riqueza, a densidade e atualidade do conteúdo que respondeu à necessidade da hora presente, a clareza, a profundidade, a segurança e o equilíbrio com que foi tratado o assunto. O testemunho que constitui a personalidade rica, simples e competente do Irmão Basílio, convincente por manifestar que vive o que expõe. Para alguns foi penetrante, questionante, valeu como um retiro.

Colhemos algumas expressões que demonstram a satisfação dos participantes e o proveito para a renovação da vida comunitária:

— Foi uma grande contribuição para a verdadeira e profunda renovação de nossas comunidades.

— Foi de uma riqueza extraordinária, tanto pelo conteúdo quanto pela pessoa do explicitador: conteúdo brotado de uma experiência profunda e rica de vida.

— Centrou uma das necessidades mais prementes da renovação da VR. É de coisas sólidas assim que nós precisamos.

— Riqueza enorme de conteúdos importantíssimos para o crescimento da VR.

— O curso foi o Ir. Basílio. Sua gratuidade e disponibilidade arrebataram o auditório. A idéia de processo de "fieri" contínuo na VR creio ajudará muito, como também a do serviço de mediação. Ir. Basílio nos "confirmou" no itinerário.

— Excelente oportunidade de confronto entre a realidade "comunidade" e o que deve ser para responder às expectativas e necessidades dos que se consagram a Deus.

— O curso nos deu uma grande esperança para um maior dinamismo na VR

em questão de amor fraterno, através do Projeto de vida comunitária. Esta abertura é um caminho para soluções concretas.

— Tema adequado às necessidades atuais. Expositor: melhor entre melhores. Houve verdadeira promoção ascético-cultural-humano-teológica para o religioso.

— Trouxe meios e estímulos para o aprofundamento do ser religioso e para a dinamização da comunidade religiosa apostólica.

— Curso excelente, enriquecedor, que deu conteúdo numa linha de equilíbrio de solidez e de fé.

— Foi uma iniciativa realmente positiva e de grande importância. Cursos-Encontros dessa envergadura fazem-se indispensáveis em nossa época.

O local e a acolhida solícita dos Irmãos Maristas da Província Minas-Rio, contribuíram grandemente para o bom êxito do Curso. A CRB Nacional Ihes expressa seu agradecimento.

### Resultado da Avaliação do Curso Rueda

	Reg. %	Bom %	Ótimo %
<b>I — Quanto aos objetivos do curso</b>			
1.1 Como qualifica o conteúdo . . . . .	—	8,3	83,6
1.2 Quanto à explicitação do conteúdo	21,1	18,6	72,2
1.3 O meu aproveitamento pessoal . . . . .	7,3	68,6	13,5
1.4 O conteúdo atendeu às minhas aspirações . . . . .	2,1	32,5	57,8
<b>II — Quanto à organização</b>			
2.1 O expositor (Ir. Basílio) . . . . .	1,1	7,8	81,5
2.2 Coordenação geral . . . . .	3,1	29,9	57,8
2.3 Coordenadores de grupo . . . . .	5,7	41,8	36,6
2.4 Trabalho de equipes . . . . .	14,5	52,1	23,2

	<b>Reg.</b> %	<b>Bom</b> %	<b>Ótimo</b> %
2.5 Dosagem da carga horária .....	4,2	54,2	33,6
2.6 A vivência litúrgica .....	1,9	31,5	55,7
2.7 Serviço de secretaria .....	4,2	42,3	42,8
2.9 Alojamento .....	5,7	37,2	44,4
2.10 Alimentação .....	2,1	25,8	64,0

### III — Quanto à aplicabilidade

3.1 Você acha o conteúdo aplicável à sua realidade comunitária .....	Sim: 80,5	Não: 3,1
3.2 Você se empenhará em aplicar o conteúdo apresentado na sua comunidade .....	Sim: 73,8	Não: —

## REGIONAL FORTALEZA

### O que vai pelo noviciado intercongregacional

A partir de fevereiro, o Setor Formação da CRB Regional Fortaleza vem se empenhando bastante, no sentido de atender em concreto às exigências dos objetivos que nos propusemos desde o início. É muito importante que se dê toda a atenção à Formação Inicial e é disto que falaremos no momento. O que fizemos neste semestre?

É bom parar um pouco para responder à questão. No último número de **NOTICIANDO** apresentamos o cronograma das atividades, bem como os objetivos que queremos atingir com suas metas.

Dentre estas encontramos:

a) — A experiência de Deus para um engajamento sério, aprofundamento da Fé.

b) — O conhecimento da realidade para a inserção na Igreja Particular, sobretudo no mundo dos mais pobres e mais carentes.

c) — A convivência fraterna.

Para responder às necessidades de cada uma, no que diz respeito a seu crescimento na Vida Religiosa, tentando criar condições em vista da descoberta fundamental de Deus, realizamos algumas atividades:

#### 1) Dia de Reflexão

Todos os meses aos quartos domingos, o dia de Encontro é muito rico e os temas aprofundados foram os seguintes: Jesus Cristo Libertador — Pe. Antonio Sidra. Maria e a unidade interior — Pe. Cambron. Nestes dias, o importante é a vivência fraterna e o estímulo que cada uma dá a outra, através do fervor de sua vida e do desejo de pôr em prática o que aprende, seja em nível de Congregação, seja em nível intercongregacional.

#### 2) Experiência de Oração

Em junho tivemos um fim de semana diferente dos outros. A Experiência de

Oração nos reuniu no Noviciado das Mensageiras, onde durante dois dias pudemos aprofundar o tema de ESCUTA. Sob a coordenação da Irmã Sonja e da Irmã Inês de Barros Lima, o pequeno retiro ajudou a cada uma na **Oração-Vida**, contribuindo para que fosse crescendo o verdadeiro sentido de Deus, por uma Oração Encarnada.

### 3) Cursos realizados

Teologia da Eucaristia — Pe. Albino.

Vaticano II e Puebla — Prof. Chaves.

O Sacramento da Penitência — Pe. Landim.

O estudo dos Salmos — Pe. Uchôa.

A finalidade desses cursos é situar a Noviça no contexto em que vive, dar-lhes um conhecimento maior da Doutrina para um melhor aprofundamento da Fé. E acreditamos que eles têm ajudado a todas a se desenvolverem em seu crescimento pessoal, amadurecendo a sua opção e seu amor pela Congregação a que cada uma pertence. No segundo semestre continuaremos nossas atividades e teremos em agosto, no dia 25, às 11 horas, na Casa Provincial das Filhas de Caridade, um encontro de responsáveis pela Formação, a fim de, unidas, prepararmos a nossa caminhada do 2º semestre.

## OS SERVOS DE MARIA NAS DUAS IGREJAS-IRMÃS: FORTALEZA E ACRE PURUS

Veio do Acre o Frei Heitor Turrini, dos Servos de Maria e está vivendo com Pedro e Manuel na favela Alto do Bode à Rua Thomás Cavalcante, Autran Nunes, 60.000 Fortaleza. O Frei Heitor, 53 anos, nascido em Montese, Itália, há 30 anos radicado no Brasil a serviço da Igreja do Acre e Purus. Por vinte anos o Frei Heitor andou esmolando recursos no Brasil e no exterior para construir Seminários, Igrejas, Colégios e Hospitais.

Nos últimos dez anos, de acordo com os seus Superiores, o Frei Heitor vive compartilhando a sorte dos seringueiros do Acre e no mês de maio do ano passado, a convite de Dom Aloísio, Arcebispo, de Fortaleza, o Frei Heitor veio ao Ceará para fazer conhecer a Igreja do Acre, Irmã da Igreja de Fortaleza. A maioria do povo do Acre é cearense e a Arquidiocese de Fortaleza já enviou quatorze Irmãs Josefinas que, no Acre, além de servir no maior Leprosário do Estado, vivem também no Bairro do Rio Branco e têm uma pequena comunidade de quatro irmãs no alto Rio Purus, dirigindo uma comunidade de base.

O Frei Heitor com o Frei Paulino servem na paróquia de Sena Madureira, Acre, de imensas distâncias, com 198 pequenos grupos de Evangelização espalhados em 3.200 km de rede fluvial, sendo que a Paróquia de Sena Madureira tem uma extensão geográfica igual ao Estado da Paraíba. A Ordem dos Servos de Maria, nascida em Florença apenas sete anos depois da morte do grande São Francisco, fundada por sete Florentinos, canonizados todos sete no mesmo dia pelo Papa Leão XIII, chamada também Ordem dos Servitas, completa no Acre 60 anos de serviço e pelas suas constituições serve em preferência nos lugares mais pobres.

A Igreja do Acre e Purus — embora pequena — deseja não somente receber mas também devolver alguma pequena experiência. E assim o Frei Heitor veio fazer conhecer a Igreja do Acre e oferecer a possibilidade para alguns servirem à Igreja de Fortaleza e à Igreja do Acre, como Servos de Maria. No Alto do Bode, há alguns meses, o Pedro, o Ma-

noel e o Frei Heitor vivem em fraternidade, trabalhando em fábrica para se manter e estudando para se formar, unidos na oração, testemunhando o Evangelho com a Vida.

Em maio o Frei Heitor voltará ao Acre sendo que no fim do ano um Religioso Servo de Maria do Acre voltará a Fortaleza para viver na Pequena Comunidade do Alto do Bode. É desejo da Igreja e dos Servos de Maria do Acre aumentar a comunhão entre as duas Igrejas também na caminhada religiosa e descobrindo novas vocações para servir em Fortaleza e no Acre.

É desejo dos Servos de Maria, completando 60 anos de serviço no Acre, encontrar um grupo de jovens Nordestinos para se consagrar integralmente ao Senhor, no serviço aos irmãos, servindo com Maria a Mãe de Jesus. Confiamos este desejo nosso aos caros Bispos e Provinciais do Nordeste e desde já agradecemos todo tipo de cooperação. A missa celebrada pelo Frei Heitor, no dia 6 de maio, na Televisão, teve a intenção de pedir com todo o povo do Ceará, muitos operários para a messe.

## IRMÃS DA PROVIDÊNCIA DE GAP, 75 ANOS NO BRASIL

A Congregação das Irmãs da Providência de Gap comemora, neste ano, os 75 anos de implantação no país, desde a primeira casa estabelecida em Carmo do Rio Claro, Minas Gerais, a 2 de julho de 1904. Tudo começou quando Dom João Batista Corrêa Nery, bispo de Pouso Alegre, atendendo a um pedido de D. Maria Goulart convenceu a Congregação das Irmãs da Providência a se estabelecerem no Brasil em 1904, sendo a primeira fundação em Carmo do Rio Claro, MG. Em 1907, a Congregação fixa a Casa Central em Itajubá, também no Sul de Minas. Atualmente, as Irmãs da Providência de Gap têm, no Brasil, duas Províncias: LESTE, com sede em Itajubá (MG) e SUL, com sede em São Paulo, Bairro do Limão. Num total de 350, as Irmãs trabalham em cidades dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Bahia, Paraná e Santa Catarina.

### 217 anos de vida

Fundada por João Martinho Moye, na Lorena (França), a Congregação é reconhecida como Instituto de vida apostóli-

ca. Sua missão carismática, recebida do Fundador e transmitida através da tradição pelas Irmãs, tem por finalidade a **ação evangelizadora** no espírito de Abandono à Providência, de Pobreza, de Simplicidade e de Caridade. Reúne pessoas que, neste espírito, se comprometem, em comunidades de vida, a realizar esta vocação na Igreja, procurando servir os irmãos, de modo especial os mais pobres e abandonados.

O Beato João Martinho Moye foi um sacerdote francês, nascido em 1370. Como jovem Padre aproveitava parte de seu tempo livre para pregar missões nas aldeias e povoados de sua terra. Impressionado com a ignorância do povo, sobretudo das crianças, concebeu o projeto de formar irmãs que fossem, sozinhas, às aldeias mais abandonadas para educar as crianças e outras pessoas necessitadas de instrução.

Desejava que as Irmãs fossem perfeitamente instruídas sobre a religião, soubessem ler e escrever corretamente, de modo a poder ensinar aos outros, alguns conhecimentos sobre saúde como praticar sangrias, preparar medicamentos

para poderem aliviar os doentes e dizia, ainda, que seria conveniente que soubessem cantar. Para a época em que vivia era um projeto ousado e audacioso. Mas, a 14 de janeiro de 1762, numa pequena aldeia da França, surgiu a primeira escola das Irmãs da Providência: tenra sementinha que se tornou uma grande árvore estendendo seus ramos não só na França como também na Itália, Espanha, México, África (República Popular de Benin) e Índia.

#### **49 casas no Brasil**

A Casa Provincial de Itajubá fica na Rua Irmã São Rafael, 138, Caixa Postal, 22. O Governo Provincial é constituído de

4 membros sendo Superiora a Irmã Elza Ribeiro. A Província conta com 36 comunidades em 23 cidades pertencentes às dioceses de Pouso Alegre, Guaxupé, Leopoldina, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Barra do Mendes e Araçuaí.

A sede da Província Sul fica à Rua Professor João Leocádio, s/n, Bairro do Limão, São Paulo-Capital, Caixa Postal, 6.302. O Governo Provincial é composto de três membros sendo Superiora a Irmã Maria Stella Sanches Coelho. A Província conta com 16 comunidades estabelecidas em 13 cidades pertencentes às dioceses de São Paulo, Campinas, Bragança Paulista, São José do Rio Preto, Jales, Apucarana (PR), Brasília, Uruaçu (GO), Joinville e Rio do Sul (SC).

# MARIA NA HISTÓRIA E NA VIDA DOS POVOS LATINO-AMERICANOS VISTA POR JOÃO PAULO II

*João Paulo II vai se revelando cada vez mais um Papa mariano. Sua catequese semanal nas audiências de quarta-feira, seus muitos pronunciamentos, discursos e homilias, em circunstâncias diversas, trazem sempre ensinamentos, reflexões ou, pelo menos, alusões à figura de Maria, sua missão e presença junto ao povo de Deus. Mas, é sobretudo a pessoa mesma de João Paulo II que se manifesta profundamente marcada por uma piedade mariana, ao mesmo tempo forte e terna, lúcida e confiada, expressa em gestos muito concretos que definem um dos rasgos marcantes da sua fisionomia espiritual. Neste mês de outubro, Convergência oferece aos seus leitores uma seleção de textos marianos, extraídos de vários discursos pronunciados pelo Papa, durante sua visita ao México, por ocasião da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.*

“Há poucas horas ainda que, com profunda comoção, pisei pela primeira vez esta terra bendita. E agora tenho a ventura de me encontrar

convosco, com a Igreja e o povo mexicano neste dia que será o **dia do México**. É um encontro que se iniciou com a minha chegada, a chegada a esta linda Cidade; se prolongou enquanto atravessava as ruas e as praças, e se intensificou ao entrar nesta Catedral. Mas é aqui, na celebração do Sacrifício Eucarístico, que o mesmo encontro chega ao auge.

“Coloquemo-lo sob a proteção da Mãe de Deus, a Virgem de Guadalupe, que o povo mexicano ama com a mais arraigada devoção. A vós, Bispos desta Igreja; a vós, sacerdotes, religiosos, religiosas, seminaristas, membros dos Institutos Seculares, leigos dos movimentos católicos e de apostolado: a vós, crianças, jovens, adultos, anciãos; a vós todos, mexicanos, que tendes um passado esplêndido de amor a Cristo, mesmo no meio das provas; a vós que levais no fundo do coração a devoção à Virgem de Guadalupe, o Papa quer falar hoje de algo que é, e deve ser mais ainda, uma característica vossa, cristã e mariana: a fidelidade à Igreja.

“De entre tantos títulos atribuídos à Santíssima Virgem, no decurso dos séculos, pelo amor filial dos cristãos, há um de profundíssimo significado: Virgo Fidelis, Virgem fiel. Que significa esta fidelidade de Maria? E quais são as suas dimensões?

“A primeira dimensão chama-se busca. Maria foi fiel, antes de mais, quando, com amor se pôs a buscar o sentido profundo do Desígnio de Deus nEla e para o mundo. “Quomodo fiat? — Como poderá ser?”, perguntou Ela ao Anjo da Anunciação. Já no Antigo Testamento, o sentido desta busca se traduz numa expressão de rara beleza e de extraordinário conteúdo espiritual: “buscar o Rosto do Senhor”. Não haverá fidelidade se na raiz não houver esta busca ardente, paciente e generosa; se no coração do homem não se encontrar uma pergunta para a qual só Deus tem a resposta, ou melhor dizendo, para a qual só Deus é a resposta.

“A segunda dimensão da fidelidade chama-se acolhimento, aceitação. O “quomodo fiat” transforma-se, nos lábios de Maria, num “fiat”. Assim se faça, estou pronto, aceito: este é o momento crucial da fidelidade, momento em que o homem entende que jamais compreenderá totalmente o “como”, que no Desígnio de Deus há mais zonas de mistério do que de evidência, e que, por mais que faça, não conseguirá nunca aceitá-lo todo. É então que o homem aceita o mistério e lhe dá um lugar no seu coração, do mesmo modo que **Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu co-**

**ração** (Lc 2,19; Lc 3,15). É o momento em que o homem se abandona ao mistério, não com a resignação de quem capitula perante um enigma ou um absurdo, mas antes com a disponibilidade de quem se abre para ser habitado por algo — por Alguém! — maior que o próprio coração. Essa aceitação realiza-se em definitivo pela fé que é a adesão de todo o ser ao mistério que se revela.

“A terceira dimensão da fidelidade é a coerência. Viver de acordo com o que se crê. Ajustar a própria vida ao objeto da própria adesão. Aceitar incompreensões, perseguições, mas não permitir rupturas entre aquilo que se vive e aquilo em que se crê: é isto a coerência. E talvez que aqui se encontre o núcleo mais íntimo da fidelidade. Mas toda a fidelidade deve passar pela prova mais exigente: a da duração. Por isso a quarta dimensão da fidelidade é a constância. É fácil ser coerente por um ou por alguns dias. Difícil e importante é ser coerente toda a vida. É fácil ser coerente na hora da exaltação, difícil é sê-lo na hora da tribulação. E só pode chamar-se fidelidade uma coerência que dura ao longo de toda a vida. O “fiat” de Maria, na Anunciação, tem a sua plenitude no “fiat” silencioso que Ela repete ao pé da cruz. Ser fiel é não atraiçoar nas trevas aquilo que se aceitou em público.

“De todos os ensinamentos que a Virgem Santíssima dá aos seus filhos do México, o mais belo e importante talvez seja esta lição de fidelidade. É tal fidelidade que o Papa se compraz em descobrir no povo mexicano e que do povo mexicano

ele espera.” (Discurso na Catedral do México: “As Dimensões da Fidelidade” em 26-01-79).

●

“Quão profunda é a minha alegria, queridos Irmãos do Episcopado e amadíssimos Filhos, pelo fato de os primeiros passos da minha peregrinação, como Sucessor de Paulo VI e de João Paulo I, me terem trazido precisamente aqui. Me terem trazido até junto de Ti, Maria, a este Santuário do povo do México e de toda a América Latina, onde desde há tantos séculos se manifestou a Tua maternidade!

“Pronuncio com imenso amor e com reverência estas palavras, tão simples e ao mesmo tempo tão maravilhosas. Ninguém Te poderá saudar nunca de modo mais estupendo do que o fez um dia o Arcanjo no momento da Anunciação: “Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum”. Eu repito estas palavras, que tantos corações guardam e tantos lábios pronunciam em todo o mundo. Nós os aqui presentes, repetimo-las juntos, conscientes do que são estas palavras com as quais o próprio Deus, através do seu mensageiro, Te saudou a Ti, a Mulher prometida no Éden e desde toda a eternidade eleita como Mãe do Verbo, Mãe da divina Sabedoria, Mãe do Filho de Deus. O teu Filho Jesus Cristo é o nosso Redentor e Senhor. É o nosso Mestre. Todos nós aqui reunidos somos seus discípulos. Somos os sucessores dos Apóstolos, daqueles a quem o mesmo Senhor disse: **Ide, pois, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-**

**as a observar tudo o que vos mandei. E eis que Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo** (Mt 28, 19-20).

“Congregados aqui, o Sucessor de Pedro e estes sucessores dos Apóstolos, damo-nos conta de como tais palavras se cumpriram, de maneira admirável, nesta terra. Com efeito, desde que em 1492 começa a gesta evangelizadora no Novo Mundo, passam apenas vinte anos até chegar ao México a fé. Pouco mais tarde é criada a primeira sede arqui-episcopal, regida por Juan Zumárraga, ao qual secundaram outras grandes figuras de evangelizadores, que difundiram o Cristianismo em zonas muito vastas.

“E à medida que nestas terras se ia realizando o mandato de Cristo, à medida que, com a graça do Batismo, se iam multiplicando por toda a parte os filhos da adoção divina, aparecia também a Mãe. Com efeito, a Ti, Maria, o Filho de Deus e ao mesmo tempo Teu Filho, do alto da Cruz indicou um homem e disse: **Mulher, eis o teu filho!** (Jo 19,26). E naquele homem Ele Te confiou cada um dos homens, confiou-Te os homens todos. E Tu, que no momento da Anunciação concentraste todo o programa da Tua vida nestas simples palavras — **eis a serva do Senhor! Faça-se em Mim segundo a Tua palavra** (Lc 1,38). — Tu, todos abraças, de todos Te aproximas, a todos procuras atrair maternalmente. Deste modo se realiza aquilo que o último Concílio declarou acerca da Tua presença no mistério de Cristo e da Igreja. Continuas a estar de maneira admirável no mistério de Cristo, Teu Filho

unigênito, porque estás sempre onde quer que estejam os homens seus irmãos, onde quer que esteja a Igreja.

“Os primeiros missionários chegados à América, de fato, provenientes de terras de eminente tradição mariana, conjuntamente com os rudimentos da fé cristã vão ensinando também o amor a Ti, mãe de Jesus e de todos os homens. E a partir do momento em que o índio Juan Diego falou da doce Senhora de Tepeyac, Tu, Mãe de Guadalupe, entras de modo determinante na vida cristã do povo do México. Não de menor alcance foi a Tua presença noutras partes, onde os Teus filhos te invocam com nomes cheios de ternura, como Nossa Senhora de Altagracia, da Aparecida, de Luján e tantos outros não menos queridos, para não fazer uma lista interminável dos nomes com que, em cada zona geográfica, os povos latino-americanos Te exprimem a sua devoção mais profunda e Tu os proteges no seu peregrinar na fé.

“O Papa — que provém também ele de um País onde as tuas imagens, especialmente uma, a de Jasna Góra, são sinal igualmente da Tua presença na vida da nação e nas alternativas da sua história — é particularmente sensível a este sinal da Tua presença aqui, na vida do Povo de Deus no México, na sua história, também esta não fácil e por vezes até dramática. Mas estás igualmente presente na vida de tantos outros povos e nações da América Latina, presidindo e guiando não somente o seu passado remoto ou recente, mas também o momento atual, com as suas incertezas e sombras. Este Papa percebe no fundo do seu coração os

vínculos particulares que Te unem a Ti com este Povo e a este Povo contigo. Sim: este Povo, que afetuosamente te chama “La Morenita”; este Povo — e indiretamente todo este imenso Continente — vive a sua unidade espiritual graças ao fato de Tu seres a Mãe. Uma Mãe que, com o seu amor, cria, conserva e aumenta espaços de aproximação recíproca entre os seus filhos.

“Encontrando-nos neste lugar santo para iniciar os nossos trabalhos, representa-se-nos ante o olhar o Cenáculo de Jerusalém, local da instituição da Eucaristia. Ao mesmo Cenáculo tornaram os Apóstolos depois da Ascensão do Senhor, a fim de aí, permanecendo em oração com Maria, a Mãe de Cristo, poderem preparar os seus corações para receber o Espírito Santo, no momento do nascimento da Igreja.

Também nós vimos aqui para isso, também nós esperamos a descida do Espírito Santo, que nos fará ver os caminhos da evangelização, através dos quais a Igreja deve continuar a renascer neste nosso grande Continente. Também nós, hoje, e nos próximos dias, desejamos permanecer em oração com Maria, Mãe de nosso Senhor e Mestre: contigo, Mãe da esperança, Mãe de Guadalupe.

“Permite-me, pois, que eu, João Paulo II, Bispo de Roma e Papa, juntamente com os meus Irmãos no Episcopado que representam a Igreja no México e de toda a América Latina, neste momento solene, confiemos e Te oferecemos a Ti, serva do Senhor, todo o patrimônio do Evangelho, da Cruz e da Ressurrei-

ção, de que nós todos somos testemunhas, apóstolos, mestres e bispos.

“Ó Mãe! Ajuda-nos a ser fiéis dispensadores dos grandes mistérios de Deus. Ajuda-nos a ensinar a verdade que Teu Filho anunciou e a difundir o amor, que é o principal mandamento e o primeiro fruto do Espírito Santo. Ajuda-nos a confirmar os nossos irmãos na fé e ajuda-nos a despertar a esperança na vida eterna. Ajuda-nos a guardar os grandes tesouros encerrados nas almas do Povo de Deus que nos foi confiado.

“Nós Te oferecemos todo este Povo de Deus. Oferecemos-Te a Igreja do México e de todo o Continente: e oferecemos-Te a como propriedade Tua. Tu que entraste estávelmente no mais íntimo dos corações dos fiéis através do sinal da Tua presença, que é a Tua imagem no Santuário de Guadalupe, vive como em tua casa nestes corações, também daqui para o futuro. Sê um de casa nas nossas famílias, nas nossas paróquias, missões, dioceses e em todos os povos.

“E fá-lo por meio da Igreja Santa, a qual, imitando-Te a Ti, Mãe, deseja ser cada vez mais uma boa mãe, cuidar das almas em todas as suas necessidades, anunciando o Evangelho, administrando os Sacramentos, salvaguardando a vida das famílias mediante o sacramento do Matrimônio, reunindo todos na Comunidade eucarística por meio do Santíssimo Sacramento do altar e acompanhando-os com amor desde o berço até a entrada na eternidade.

“Ó Mãe! Desperta nas jovens gerações a disponibilidade para o ex-

clusivo serviço de Deus. Implora para nós abundantes vocações locais para o sacerdócio e para a vida consagrada.

“Ó Mãe! corrobora a fé de todos os nossos irmãos e irmãs leigos, para que em todos os diversos campos da vida social, profissional, cultural e política atuem de acordo com a verdade e a lei que o Teu Filho veio trazer à humanidade, a fim de conduzirem a todos à salvação eterna e, ao mesmo tempo, a fim de tornarem a vida sobre a terra mais humana e mais digna do homem.

“A Igreja que desenvolve a sua atividade entre as nações americanas, a Igreja no México, quer servir, com todas as suas forças, esta causa sublime com renovado espírito missionário. Ó Mãe! Faz com que nós mesmos sigamos este caminho e por ele conduzamos os demais, sem jamais nos desviarmos por atalhos tortuosos, arrastando conosco os outros.

“Nós Te oferecemos e a Ti confiamos todos aqueles e tudo aquilo que é objeto da nossa responsabilidade pastoral, confiando em que Tu hás-de estar conosco e nos ajudarás a realizar aquilo que o Teu Filho nos mandou fazer (Jo 2,5). Depositamos em Ti esta confiança ilimitada; e com ela, eu João Paulo II, juntamente com todos os meus irmãos no Episcopado do México e da América Latina, queremos vincular-Te de um modo ainda mais forte ao nosso ministério, à Igreja e à vida das nossas nações. Desejamos pôr nas Tuas mãos todo o nosso porvir, o porvir da evangelização na América Latina.

“Rainha dos Apóstolos! Aceita a nossa prontidão para servir sem reservas a causa do Teu Filho, a causa do Evangelho e a causa da paz, baseada na justiça e no amor entre os homens e entre os Povos. Rainha da Paz! Salva as Nações e os Povos do inteiro Continente, que confiam em Ti, das guerras, do ódio e da subversão. Faz com que todos, governantes e súditos, aprendam a viver em paz, se eduquem para a paz, façam tudo aquilo que exige a justiça e o respeito pelos direitos de todo homem, para que se consolide a paz.

“Aceita esta nossa confiada entrega, ó serva do Senhor! Que a Tua maternal presença no mistério de Cristo e da Igreja se converta em fonte de alegria e de liberdade para cada um e para todos; fonte daquela liberdade por meio da qual **Cristo nos libertou**, (Gál 5,1), e finalmente fonte daquela paz que o mundo não pode dar, mas que somente a dá Ele, Cristo (Jo 14,27).

“Finalmente, ó Mãe, recordando e confirmando o gesto dos meus Predecessores Bento XIV e Pio X, que te proclamaram Padroeira do México e de toda a América Latina, eu te apresento um diadema em nome de todos os Teus filhos mexicanos e latino-americanos, para que os conserves debaixo da Tua proteção e guardes a sua concórdia na fé e a sua fidelidade a Cristo, Teu Filho, Amém!” (Discurso na Basílica de Guadalupe. Inauguração da III CELAM — 27 de janeiro).

“Ao terminar esta mensagem não posso deixar de invocar uma vez mais a proteção da Mãe de Deus sobre as vossas pessoas e o vosso trabalho nestes dias. O fato deste nosso encontro se realizar com a presença espiritual de Nossa Senhora de Guadalupe, venerada no México e em todas as outras nações como Mãe da Igreja na América Latina, é para mim um motivo de alegria e uma fonte de esperança. “Estrela da evangelização”, que ela seja a vossa guia nas reflexões que fareis e nas decisões que vierdes a tomar. Que Ela alcance do seu divino Filho para vós:

— Audácia de profetas e prudência evangélica de Pastores.

— Clarividência de mestres e segurança de guias e orientadores.

— Força de ânimo como testemunhas, e serenidade, paciência e mansidão de pais”. (Discurso de Abertura solene da III CELAM — 28 de janeiro).

●

“Eis aqui reunidos hoje, neste formoso santuário de Nossa Senhora da Conceição de Zapopán, na grande Arquidiocese de Guadalajara. Não queria nem podia furtar-me a este encontro — à volta do altar de Jesus e aos pés de Maria Santíssima — com o Povo de Deus que peregrina a este lugar. Este santuário de Zapopán é, com efeito, uma prova mais, palpável e consoladora, da intensa devoção que, há séculos, o povo mexicano e, com ele, todo o povo latino-americano, professam à Virgem Imaculada.

“Como o de Guadalupe, também este santuário vem da época colonial: como aquele, as suas origens sobem ao valioso esforço de evangelização dos missionários (neste caso dos filhos de São Francisco) entre os índios, tão bem dispostos a receber a mensagem de salvação em Cristo e a venerar sua Mãe Santíssima, concebida sem mancha de pecado. Assim, estes povos compreendem o lugar único e excepcional de Maria na realização do plano de Deus (Lumen Gentium, 55 ss), a sua santidade eminente e a sua relação maternal conosco (Cfr. Lumen Gentium 61, 66). Daqui em diante, ela, a Imaculada, representada nesta pequena e simples imagem, fica incorporada na piedade popular do povo da Arquidiocese de Guadalajara, da Nação Mexicana e de toda a América Latina. Como Maria disse profeticamente no seu cântico do Magnificat: **Chamar-me-ão bem-aventurada todas as gerações** (Lc 1,48). Se isto é verdade em todo o mundo católico, muito mais o é no México e na América Latina. Pode-se dizer que a fé e a devoção a Maria e seus mistérios pertencem à identidade própria destes povos e caracterizam a sua piedade popular, da qual falava o meu predecessor Paulo VI na Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi” (Evangelii Nuntiandi, 48). Esta piedade popular não é por força um sentimento vago, destituído de sólida base doutrinal como se constituísse forma inferior de manifestação religiosa. Quantas vezes é, pelo contrário, como que a expressão verdadeira da alma dum povo, ao ser tocada pela graça e forjada pelo encontro feliz entre a obra de evangelização e a cultura

local, de que fala também a Exortação acima citada (Evangelii Nuntiandi, 20). Assim, guiada e sustentada e, dando-se o caso, purificada pela ação constante dos pastores, e exercida diariamente na vida do povo, a piedade popular é verdadeiramente a piedade dos “pobres e simples” (Ib. 48). É maneira como estes prediletos do Senhor vivem e traduzem nas suas atitudes humanas e em todas as dimensões da vida, o mistério da fé que receberam.

“Esta piedade popular no México e em toda a América Latina é forçosamente mariana. Nela, Maria Santíssima ocupa o mesmo lugar proeminente que ocupa na totalidade da fé cristã. Ela é a mãe, a rainha, a protetora e o modelo. A ela se vem para a honrar, para pedir a sua intercessão, para aprender a imitá-la, quer dizer, para aprender a ser verdadeiro discípulo de Jesus. Porque, como o mesmo Senhor diz: **Quem fizer a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe** (Mc 3,35).

“Longe de ocultar a mediação insubstituível e única de Cristo, esta função de Maria sendo acolhida e posta em relevo, “serve para demonstrar o poder d’Ela”, como ensina o Concílio Vaticano II, (Lumen Gentium, 60), porque tudo o que ela é e tem, vem-lhe da “superabundância dos méritos de Cristo, apóia-se na sua mediação” e a ele conduz (Lumen Gentium, 60) Os fiéis que a este santuário bem o sabem e põem-no em prática, ao dizerem — sempre com ela, olhando para Deus Pai, no dom do seu Filho amado tornado presente entre nós pelo Espírito: — **Glorifica a minha alma ao Senhor** (Lc 1,46).

Precisamente, quando os fiéis vêm a este santuário, como quis também vir eu hoje, peregrino nesta terra mexicana, que outra coisa não fazem senão louvar e honrar a Deus, Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, na figura de Maria, unida por vínculos indissolúveis com as três pessoas da Santíssima Trindade, como também ensina o Concílio Vaticano II? (Lumen Gentium 53). A nossa visita ao santuário de Zapopán — a minha hoje, a vossa tantas vezes — significa, por isso mesmo, a vontade e o esforço de cada pessoa para se abeirar de Deus e deixar-se inundar por Ele, mediante a intercessão, o auxílio e o modelo de Maria.

“Nestes lugares de graça, tão característicos da geografia religiosa mexicana e latino-americana, o Povo de Deus — junto na Igreja com os seus pastores e nesta feliz ocasião com quem humildemente preside na Igreja à caridade (Inácio de Antióquia, ad Rom. pról). — reúne-se à volta do altar e sob o olhar materno de Maria, para dar testemunho de que o que conta, neste mundo e na vida humana, é a abertura ao dom de Deus, que se comunica em Jesus, nosso Salvador, e nos vem por Maria. Isto é que dá à nossa existência terrena a sua verdadeira dimensão transcendente, como Deus a quis desde o princípio, como Jesus Cristo a restaurou com a sua Morte e Ressurreição, e como resplandece na Virgem Santíssima.

“Ela é o refúgio dos pecadores (“refugium peccatorum”). O Povo de Deus tem consciência da própria condição de pecado. Por isso, sabendo que precisa duma purificação

constante, “busca sem cessar a penitência e a reconciliação” (Inácio de Antióquia, 8). Cada um de nós está consciente disso: Jesus buscava os pecadores. **Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes. Não foram os justos mas os pecadores que eu vim chamar ao arrependimento** (Lc 5, 31-32). Ao paralítico, antes de o curar, disse-lhe: **Homem, os teus pecados estão perdoados;** (Lc 5,20) e a uma pecadora: **Vai, e doravante não tornes a pecar** (Jo 8,11).

“Se a consciência do pecado nos oprime, buscamos instintivamente Aquele que tem o poder de perdoar os pecados (Lc 5,24) e buscamo-lo por meio de Maria, cujos Santuários são lugares de conversão, de penitência e de reconciliação com Deus. Ela desperta em nós a esperança da emenda e da perseverança no bem, embora às vezes possa parecer humanamente impossível. Ela permite-nos superar as múltiplas “estruturas de pecado” em que está envolvida a nossa vida pessoal, familiar e social. Permite-nos obter a graça da verdadeira libertação, com essa liberdade com que libertou Cristo a todos os homens.

“Daqui parte também, como de sua verdadeira fonte, o compromisso autêntico tomado em favor dos demais homens, nossos irmãos, especialmente dos mais pobres e necessitados, e em favor da necessária transformação da sociedade. Porque isto é o que Deus quer de nós e a isto nos envia, como a voz e a força do seu Evangelho ao tornar-nos responsáveis uns pelos outros. Maria, como ensina o meu predecessor Paulo VI na Exortação Apostólica

“Marialis Cultus” (Exortação Apost. Marialis Cultus, 37), é também, como fiel cumpridora da vontade de Deus, modelo para aqueles que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da “alienação” como hoje se diz, mas proclamam com ela que Deus é **exaltador dos humildes** e, sendo caso disso, **derruba os poderosos do seu trono**, para citar de novo o Magnificat (Lc 1,51-53). Porque ela é assim “modelo do perfeito discípulo de Cristo, discípulo que é artífice da cidade terrena e temporal, mas tende ao mesmo tempo para a celestial e eter-

na, discípulo que promove a justiça, liberta os necessitados, mas sobretudo é testemunha daquele amor ativo que constrói Cristo nas almas (Marialis Cultus, 37)

“Isto é Maria Imaculada para nós neste santuário de Zapopán. Isto é o que viemos aprender hoje dela, a fim de que Maria seja sempre — para estes fiéis de Guadalajara, para a Nação Mexicana e para toda a América Latina, com o seu ser cristão e católico — a verdadeira “estrela da Evangelização” (Homilia no Santuário de Zapopán — 30 de janeiro).

### Oração do Papa a Nossa Senhora de Guadalupe

- 1 Ó Virgem Imaculada,  
Mãe do Verdadeiro Deus e Mãe da Igreja!  
Vós, que, deste lugar, manifestais  
a vossa clemência e a vossa compaixão  
por todos os que imploram o vosso amparo:  
ouvi a oração que com filial confiança Vos dirigimos  
e apresentai-a ao vosso Filho Jesus,  
único Redentor nosso.
- 2 Mãe de Misericórdia, Mestra do sacrifício escondido e silencioso,  
a Vós, que vindes ao encontro de nós todos, pecadores,  
consagramos, neste dia, todo o nosso ser e todo o nosso amor.  
Consagramo-Vos também a nossa vida,  
os nossos trabalhos, as nossas alegrias,  
as nossas doenças e os nossos sofrimentos.
- 3 Dai a paz, a justiça e a prosperidade aos nossos povos,  
já que tudo o que nós temos e o que somos  
o deixamos ao vosso cuidado,  
Mãe e Senhora nossa.
- 4 Queremos ser totalmente vossos  
e convosco desejamos percorrer  
o caminho de uma fidelidade plena a Jesus Cristo  
na sua Igreja:  
não nos deixeis desprender da vossa mão amorosa.

- 5 Virgem de Guadalupe, Mãe das Américas,  
pedimo-Vos por todos os Bispos,  
a fim de que eles conduzam os fiéis  
por veredas de intensa vida cristã,  
de amor  
e de humilde serviço a Deus  
e às almas.
- 6 Contemplai esta seara imensa  
e intercedei por que o Senhor infunda fome de santidade  
em todo o Povo de Deus  
e conceda abundantes vocações de sacerdotes e religiosos  
fortes na fé  
e zelosos dispensadores dos mistérios de Deus.
- 7 Concedei aos nossos lares  
a graça de amarem e respeitarem a vida nascente,  
com o mesmo amor com que Vós em vosso seio concebestes  
a vida do Filho de Deus.  
Virgem Santa Maria, Mãe do Amor Formoso,  
protegei as nossas famílias,  
para que elas estejam sempre muito unidas,  
e abençoai a educação dos nossos filhos.
- 8 Esperança nossa,  
olhai-nos com compaixão,  
ensinai-nos a ir continuamente para Jesus  
e, se cairmos, ajudai-nos  
a levantarmo-nos e a voltarmos para Ele,  
mediante a confissão das nossas culpas e dos nossos pecados  
no sacramento da Penitência  
que traz sossego à alma.  
Suplicando-Vos que nos concedais  
um amor muito grande a todos os santos Sacramentos  
que são como que as marcas que o vosso Filho  
nos deixou na terra.
- 9 Assim, nossa Mãe Santíssima,  
com a paz de Deus na consciência,  
com os nossos corações livres do mal e de ódios,  
poderemos levar a todos  
a alegria verdadeira e a verdadeira paz,  
as quais vêm do Vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo  
que, com Deus Pai e com o Espírito Santo,  
vive e reina pelos séculos dos séculos  
Amém.

**Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI**

# JUSTIFICADOS PELA FÉ

*A vida em Cristo e no Espírito é um dom gratuito de Deus que se acolhe pela fé.*

*A fé tem o sentido de abertura a uma pessoa com segurança e confiança plenas. A fé é um abrir-se do Deus da Aliança, fiel a suas promessas.*

**Frei Camilo Maccise, OCD**

A vida religiosa é uma forma de concretizar existencialmente a vida cristã. Pois bem, esta é uma vida “em Cristo” e “no Espírito”. Paulo insiste em que o cristão acolha esta vida nova pela fé, que a exprima pela caridade e que a viva na esperança. A fé marcaria nosso relacionamento com Deus, a caridade com o próximo e a esperança com o mundo. Ao tentar analisar agora, à luz dos ensinamentos do apóstolo dos gentios, a fé na vida religiosa hoje, sua problemática e suas perspectivas, queremos deixar bem claro que Paulo fala, como é natural, para todos os cristãos. O que nós faremos será reler sua doutrina partindo da Vida Religiosa atual.

## **1. A crise de fé na vida religiosa**

A crise purificadora da fé cristã é algo que afetou também os religio-

so no mundo de hoje. Tem-se falado, seguindo a linguagem de São João da Cruz, de noites de purificação para a Igreja da atualidade. Noites do entendimento que julga todas as realidades; noite da vontade que se questiona sobre as motivações da fé; noite da memória, que aparece no obscurecimento da linguagem tradicional, nas formulações da fé e que se efetua através da desmitização das mesmas (1). Nelas vive e delas participa a vida religiosa, inserida como está na Igreja.

## **Do mundo sacral ao mundo secular: mudança desconcertante**

Na Igreja e na vida religiosa, até poucos anos atrás, predominou uma forma de viver a fé e de expressá-la, própria de uma visão sacralizante da realidade. Dentro dela faz-se necessária uma separação das pessoas e coisas para pô-las em contato com a

divindade. Em si mesmas elas são profanas. A fé, igualmente, traduz-se e exprime-se em cerimônias cúlticas, em momentos dedicados a Deus, como a oração. Exterioriza-se através de ritos, hábitos, lugares separados do resto da vida humana, como igrejas e mosteiros. Tudo isto cria um ambiente que se vai tornando conatural à fé e se transforma no mais apropriado para manifestá-la e alimentá-la.

Quando desmoronam as estruturas que mantinham a vida religiosa à margem da evolução do mundo, tomou-se consciência de sua secularização. Esta leva à busca de uma explicação racional e científica dos fenômenos e de suas causas. A religião não é necessária para dar razão deles. Estes podem ser compreendidos através de análises diretas. Os mecanismos sociais, econômicos, políticos dependem da livre vontade humana. As expressões de um mundo sacral passam a ser ininteligíveis, quando não absurdas.

Tudo isto foi e continua sendo para os cristãos e para os religiosos uma mudança desconcertante, que origina uma crise de fé, no sentido positivo da palavra: juízo, purificação, decisão. Questionam-se as formas tradicionais de expressar a fé; impõe-se o desapego purificador dos valores do passado, e, sobretudo, experimenta-se o desafio de viver a fé fora do molde sacral anterior. Isto dá origem a três tendências. A primeira seria a de um conservadorismo que busca salvaguardar a fé mantendo mentalmente um mundo sacral. A segunda, ao invés, acaba num secularismo em que se perdem

totalmente as perspectivas da fé. O caminho justo marcaria a terceira: a de procurar viver e exprimir a fé de **maneira diferente** no mundo secular.

### **De uma situação sociológica favorável a uma situação desfavorável: cristandade e pluralismo**

A vida religiosa apareceu e desenvolveu-se quando, principalmente no mundo ocidental, se vivia em um ambiente de cristandade. Todos eram, ao menos teórica e juridicamente, cristãos. Assim se entende por que razão os religiosos sentiram necessidade de exprimir a sua consagração mediante sinais sacrais e uma linguagem adequada a este ambiente. Sua fé concretizava-se nesses sinais inteligíveis e questionadores para as pessoas que tinham fé. O prestígio e o poder da vida religiosa estava profundamente ligado a eles.

Junto com o fenômeno da secularização, abriu-se caminho para uma descristianização que transformou os países de cristandade em países de missão. Agora, não mais vivemos numa situação em que o normal consistia em ser cristão. Pelo contrário, nossas sociedades são pluralistas. Nelas são igualmente desagradáveis as manifestações e expressões que conservam como único sentido a busca de prestígio, de privilégios ou de poder.

Acostumados como estavam os religiosos a manifestar sua consagração, enraizada na fé, dentro de esquemas adequados a uma situação favorável, que não mais existe, sen-

tem-se desconcertados ao ver que esta linguagem da fé já não encontra o eco esperado.

### **Do mundo natural ao mundo técnico: o silêncio de Deus**

A fé, dom de Deus, dá-nos a capacidade de experimentar sua presença e sua ação na existência de cada dia. À luz da fé, toda a realidade se transfigura e se converte em manifestação do Senhor. O mundo criado proclama a glória de Deus. No universo encontramos suas pegadas. Por isso, numa sociedade de tipo agrícola e pré-científico, o contato direto com a natureza facilita este encontro de Deus pela fé, na realidade.

Habitados a esta forma social em que surgiu a vida religiosa, os religiosos não puderam deixar de experimentar o abalo trazido pelo mundo técnico. Nele, o contato direto não se realiza com o natural, mas com o que é criação do homem. Os ritmos de vida se tornam, por outro lado, artificiais. Isto, unido à secularização, veio situar os cristãos e os religiosos em face da exigência de encontrar Deus e de experimentá-lo de maneira diferente. Isto não se realizou sem um desajuste inicial que se chamou de "silêncio de Deus" e que não é outra coisa senão uma forma de crise de fé. Passava a ser e continua sendo difícil viver a fé em um mundo técnico e na inserção no econômico e no político, que tanta importância assumem na sociedade atual.

### **Questionamento às formulações da fé**

O desenvolvimento da hermenêutica veio descobrir toda a série de condicionamentos sócio-culturais presentes em qualquer formulação do pensamento humano. Assim, foram aparecendo em toda a sua relatividade as formulações dogmáticas que pareciam intocáveis. Habitados a não distinguir o essencial do accidental em tais formulações, por não levarmos em conta nem a situação vital ("Sitz im Leben") em que haviam surgido nem, muito menos, o lugar social central e de poder que as havia gerado, sofremos na Igreja um descontrole tremendo. Daí resulta que aquilo que nos havia sido dito não é mais, ou não é como fora dito. Dos questionamentos sobre as formulações da fé aos questionamentos sobre a própria fé há apenas um passo.

Os religiosos, além de participarem deste tipo de crise, têm outra particular, que segue a mesma linha, mas que se refere às formulações de seu carisma e às estruturas ditadas pelas Regras e Constituições que se julgavam imutáveis e, de certo modo, infalíveis. A análise crítica das mesmas tem destruído em grande parte essa credibilidade que se lhes atribuía. Ainda mais: a própria vida religiosa tal como se vivia é duramente posta em causa.

Tudo isto abala fortemente a fé e, juntamente com outros fatores, cria uma crise que é um convite a dar um passo adiante, a progredir na fé, a encarná-la num mundo novo, como cristãos e como religiosos.

## 2. A fé em S. Paulo

Para Paulo, a vida "em Cristo" e "no Espírito", a nova vida, é um dom gratuito de Deus que se acolhe pela fé (Rom 16-17). Pela fé, Cristo habita em nossos corações (Ef 3,17). A fé na Escritura tem o sentido de abertura a uma pessoa com confiança e segurança plenas. Crer é apoiar-se em algo sólido e estável: Deus. A fé é um abrir-se ao Deus vivo e verdadeiro; ao Deus da Aliança, fiel a suas promessas. A fé é a resposta do homem à Encarnação salvadora do Verbo. Deus falou-nos primeiramente na pessoa e na obra de Cristo. O homem responde com a fé a esta "Palavra" divina; revelação e oferecimento de salvação eterna (Jo 6,29).

A fé é a exigência fundamental para receber Cristo e o Espírito. Ela traz implícito o ato de amor a Deus. Não é possível confiar em alguém sem amá-lo. A fé não só nos dá a atitude necessária para receber a Deus, como impregna nossa vida e nos vai fazendo crescer em nossa condição de filhos de Deus. Paulo fala da fé sempre nesta linha bíblica, que tem suas raízes no Antigo Testamento. Como é costume do Apóstolo dos gentios, em vez de dar-nos explicações teóricas sobre a fé, ele nos manifesta a experiência e a vivência que teve dela em sua vida e na das comunidades cristãs que fundou.

### A vida de Paulo: uma vida de fé

São Paulo chega à fé não por etapas progressivas, mas por um encontro com uma pessoa viva:

Cristo ressuscitado, que muda totalmente o rumo de sua existência. De perseguidor dos cristãos passa a Arauto do Evangelho (Gál 1,12-16). Esta vida de fé há de ser expressa por Paulo ao longo de sua vida numa abertura total aos planos de Deus. Até o fim, ele conservará o abandono e a disponibilidade de um servo de Jesus Cristo, como costumava chamar-se (Gál 1,10; Rom 1,1).

Aceita em sua vida os sofrimentos de Cristo e do Evangelho, desde as lutas com os judaizantes até a prisão e a morte, passando pelos açoites e privações: "atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses; perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Cristo se manifeste em nosso tempo" (2Cor 4,8-10; 6,4-5; Hbr 20,18-19). Paulo também experimenta em profundidade a força do poder de Deus em sua debilidade. Isto faz com que se glorie nela e que aí, e não em suas capacidades, busque fundamentar sua pregação (2 Cor 12,7-10).

A comunhão com Cristo, que vive nele (Gál 2,19-20) para a salvação dos irmãos, é como que a síntese de sua atitude de fé: "Lembra-te de Jesus Cristo... que ressuscitou dos mortos, segundo o meu Evangelho, pelo qual sofro até ser preso como um malfeitor... tudo suportou por amor dos eleitos para que estes alcancem a salvação de Cristo Jesus e a glória eterna" (2

Tim 2,8-10). Atravessando crises e dificuldades em seu caminho de fé, o Apóstolo confessará com gratidão ao Senhor havê-la conservado até o fim de sua vida: “combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé” (2 Tim 4,7). O itinerário da fé de São Paulo está na base de seus ensinamentos sobre o que significa e o que implica crer.

### **A fé: princípio da salvação que Deus nos concede**

Na carta aos gálatas, cuja temática pode resumir-se na frase: “ou a lei ou Cristo”, Paulo quer demonstrar que a resposta é “Cristo”, em quem somos justificados pela fé.

O contexto desta carta é um contexto polêmico contra os judaizantes. Estes queriam fazer prevalecer suas opiniões contrárias ao “evangelho” de Paulo que afirmava: “Agora, independentemente da lei, a justiça de Deus (Deus que salva) manifestou-se confirmada pela lei e pelos profetas, justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os que crêem” (Rom 3,21-22). Os judaizantes insistiam na necessidade da prática da lei mosaica para a justificação. Esta observância era, na opinião deles, uma condição indispensável para participar das promessas divinas e para ser filhos de Abraão. Não queriam aceitar o escândalo da cruz e, assim, queriam combinar o cristianismo com a doutrina judaica da justificação pelas próprias obras. Paulo reage: “Não considero inútil a graça de Deus, pois, se pela lei se obtivesse a justificação, então Cristo teria morrido em vão” (Gál 2,21).

Mais adiante, na carta aos romanos, Paulo exprimirá esta convicção, baseado nos próprios princípios de sua missiva, quando dirá novamente que não se envergonha do Evangelho, porque é “força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, do judeu, mas também do grego, porque nele (o Evangelho) se revela a justiça de Deus, passando de uma fé a outra fé, segundo está escrito: o justo vive da fé” (Rom 1, 16-17).

### **A fé faz-nos filhos de Deus**

A fé, como todo o processo de salvação, é um dom de Deus: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus” (Ef 2,8). Por ela somos transformados em novas criaturas (2 Cor 2,17; Fil 3,9-10), em filhos de Deus (Gál 3,26). Em nossa condição de filhos, somos libertados do demônio, da maldade e do pecado, da lei e de todos os “elementos do mundo” que nos dominam e escravizam (Gál 4,1-5,13). A fé que recebemos dá-nos confiança e segurança de filhos. Temos a certeza de que nos aproximamos do Pai em Jesus Cristo; sabemos a quem nos confiamos e estamos plenamente seguros, contando com o apoio dele (2 Tim 1,12).

### **A fé age por meio da caridade**

A melhor maneira de fazer-nos compreender o que a fé implica consiste em apresentá-la encarnada em uma pessoa. E é isto que Paulo faz quando nos apresenta Abraão, ao falar de justificação, nas cartas aos gálatas e aos romanos. Aí Abraão

aparece como “o pai dos crentes”, aquele que, ao ser chamado, obedeceu e partiu para a terra que havia de receber por herança, mas sem saber para onde ia (Hbr 11,8); aquele que sofreu as provas de confiar-se a Deus e esperou contra toda esperança, crendo na Palavra de Deus.

O Apóstolo insiste no fato de que o que conta diante de Deus é a fé que age por meio da caridade (Gál 5,6). A principal obra do Espírito no homem é o amor (Gál 5,22), mas esta obra começa pela fé. É por isso que Paulo apresenta a fé sempre unida ao amor: “Temos sabido de vossa fé em Cristo Jesus e da caridade que tendes para com todos os santos” (Ef 1,15). E não poderia ser de outra maneira, já que a fé se explicita mediante a aceitação de Cristo morto e ressuscitado por nós.

### **3. Novas perspectivas para a fé na vida religiosa**

#### **Descobrir Deus num mundo secularizado**

Falando da fé do cristão, o Concílio afirmou que a este ela torna possível: “reconhecer sempre e em todo lugar Deus em quem vivemos, nos movemos e existimos; buscar sua vontade em todos os acontecimentos; contemplar Cristo em todos os homens, próximos ou estranhos, e julgar com retidão o verdadeiro sentido e valor das realidades temporais, tanto em si mesmas como enquanto ordenadas ao fim do homem (2).

Com estas palavras está-se afirmando implicitamente que não há

uma realidade que monopolize a presença de Deus, e que a fé pode descobri-lo em um mundo sacral tanto quanto em um mundo secular. Os religiosos, acostumados por formação a alimentar sua fé e a exprimi-la através de atos e gestos sacrais, são agora chamados a fazê-lo em circunstâncias e situações seculares: trabalho técnico e profissional, eficácia e competência, luta pela libertação, compromisso sócio-político. “Os sinais, mediante os quais ela se expressa serão certamente outros e diferentes dos usados num mundo sacral: cultivo da bondade natural das coisas, assim querida por Deus, honestidade profissional, respeito às pessoas, coragem para aceitar o relativo como relativo, e força para não absolutizar os bens deste mundo com suas ideologias” (3).

Deus é o Senhor da história e, em cada época, apresenta-nos rostos diferentes. Ele é o totalmente Outro, a quem nunca poderemos compreender plenamente. Não somos nós que o descobrimos, é ele que se revela a nós na história, sempre em mudança, da humanidade. É aí que o podemos encontrar e que, com uma linguagem existencial adequada e inteligível, somos chamados a testemunhar nossa experiência de Deus.

O esforço para viver a fé em um mundo secularizado levará os religiosos a detectarem tudo o que de alienante e sem conteúdo evangélico se introduzira em sua vida e em sua organização, para disto purificar-se. Ao mesmo tempo, convertidos em sinais seculares de Deus para um mundo secular, poderão ajudar os homens a não absolutizar nada do que existe nele, por maior que

sejam seu valor e sua independência queridos por Deus. Com a fé, que lhes dá a capacidade de julgar objetivamente as coisas em si mesmas e em vista do fim do homem (4), os religiosos podem contribuir para que se respeite sempre o valor deste homem, e para que não se sacrifique o mesmo à eficácia e ao utilitarismo, que são as tentações da técnica e do progresso científico.

### **Exprimir a fé numa sociedade pluralista**

O mundo em que vivemos não é um mundo cristão secularizado. É um mundo pluralista em que nós, cristãos, constituímos um entre muitos grupos que professam a fé em Deus e a manifestam mediante uma série de expressões religiosas. Isto deve ser levado em conta para não vivermos no mundo da lua, acreditando que a nossa situação ainda é a de cristandade, em que as formas tradicionais de vida religiosa eram sinais inteligíveis e capazes de despertar a fé nos cristãos.

É necessário buscar formas novas de ser religiosos. É necessário aproximar-se do povo para encontrar junto dele esse tipo de presença mais simples e próxima, de serviço menos triunfalista e seguro, de modo de viver mais humano, que possa ser uma expressão transparente de fé para crentes e para não crentes.

### **Viver a fé no compromisso da caridade**

Encarnar hoje a exigência evangélica e paulina de ter uma fé que aja por meio da caridade significa

trabalhar pela construção de uma sociedade mais humana e mais justa. A caridade, tem-se repetido isto muito nos últimos anos, possui hoje uma dimensão sócio-política. Só assim poderá desenvolver toda a sua eficácia. O serviço apostólico da caridade será expressão compreensível de nossa fé quando responder às necessidades reais das pessoas.

A fé levar-nos-á à busca de uma eficácia apostólica, não, porém, apoiada no poder econômico nem no prestígio social, mas antes na força do amor, do esquecimento de si próprio, do serviço desinteressado prestado ao irmão. Expressar a fé mediante uma caridade atuante implica igualmente um testemunho de vida comunitária e fraterna entre os mesmos religiosos. Esta vida, longe de limitar a ação de cada um, enriquecê-la-á e dar-lhe-á o selo da autenticidade, que favorecerá a abertura a outros grupos, para nestes ser fermento de fraternidade.

### **Tomar consciência da relatividade das expressões históricas da fé e da vida religiosa**

Já se disse com razão que a história é a mestra da vida. O fato de se ter comprovado, num mundo em constante evolução, que nada há de definitivo nos condicionamentos sócio-culturais e em toda a gama de expressões, deve ensinar-nos a ir concentrando nossos esforços no essencial.

“O essencial da vida religiosa consiste na vivência, no cultivo e no aprofundamento cada vez mais intensos da experiência religiosa que

existe em todos os homens como estrutura radical, mas que é tematizada pelo religioso e transformada em projeto fundamental de sua vida. O religioso deverá ser um especialista de Deus e da dimensão religiosa do homem” (5).

Se isto é o essencial, é o que deve permanecer. Tudo o mais é relativo e pode mudar. Quantas discussões inúteis se evitariam; quanto tempo se pouparia; quanto dinamismo se empregaria em autênticos valores, se nós, religiosos, tivéssemos o instinto do relativo de nossas concretizações passadas, presentes e futuras. Passadas, para não sacralizá-las nem eternizá-las; presentes, para não querer impô-las às novas gerações; futuras, para não sonhar com uma perfeição e com uma plenitude inatingíveis. Relativizar as expressões de fé não quer dizer relativizar a fé. Questionar e abandonar formas

superadas de ser religioso não significa questionar a vida religiosa ou rejeitá-la.

Parece-nos antes que, de acordo com a doutrina de Paulo sobre a fé, esta seria uma forma de vivê-la em profundidade. Evidenciaria o fato de que rejeitamos a tentação de colocar nossa segurança em criações humanas, decorrentes da fé, mas que não são a própria fé. Manter-nos-ia, a nível pessoal e comunitário, no caminho dinâmico da fé que vai sendo traçado enquanto o percorremos. Caminho em que a fé vai descobrindo gradualmente a Deus como mistério e possibilidade para nós enquanto esperamos o encontro face a face com Ele (1 Cor 13,11-12). E nisto consistiria o “caminhar sem hesitação pelo caminho da fé viva, que gera a esperança e opera mediante a caridade” (6), segundo o dom e as funções próprias da vida religiosa.

(1) *Actualité de S. Jean de la Croix*, Paris, 1970. (2) *Apostolicam Actuositatem*, 4. (3) L. Boff, *Vida Religiosa y Secularización*, Bogotá, 1974, página 19.

(4) *Apostolicam Actuositatem*, 4. (5) L. Boff, *Vida Religiosa y Secularización*, Bogotá, 1974, página 38. (6) *Lumen Gentium*, 41.

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA

*Toda experiência de Deus é mediatizada, próxima ou remotamente, pela experiência do irmão:  
"fides ex auditu".*

*Se outra experiência passar a ocupar o centro,  
o religioso não encontrará mais sua identidade.*

**Pe. José Antônio Netto de Oliveira, SJ**  
Campinas, SP

## Introdução

A vida religiosa vem sendo sacudida nos últimos tempos por constantes abalos cuja frequência não permite recuperar aquela estabilidade que era a característica de tempos anteriores, particularmente de antes do Concílio Vaticano II. Poderia ser útil recordar, a grandes traços, os elementos de dentro e de fora da Igreja que causaram a instabilidade que vivemos. Já o Concílio Vaticano II assinalava na *Gaudium et Spes* a grande mutação histórica do momento atual: mudanças na ordem econômica (nº 4); mudanças nas ciências e invasão da técnica (nº 5); mudança social nº 6); mudanças psicológicas e morais (nº 7); mudança da imagem feminina (nº 9). Tais mudanças repercutiram e tiveram influências na vida

religiosa, porque nossos olhos mudaram e o olhar modificado exigia uma reformulação de nossa identidade.

Dentro da Igreja podemos distinguir três etapas recentes na teologia da vida religiosa:

**Etapa pré-conciliar.** Essa teologia vem marcada por certa aristocracia. Faz-se a divisão entre preceitos e conselhos evangélicos. Os religiosos abraçando os conselhos evangélicos vivem em estado de perfeição e conseqüentemente os seculares, casados ou não, encontram-se num nível inferior. A vida religiosa se apresenta como o único caminho possível para se viver a perfeição cristã. Perfeição e virgindade se identificam.

**Etapa conciliar.** A partir da noção de povo de Deus, da vocação

de todos à perfeição e santidade e da teologia dos carismas o Concílio Vaticano II apresenta a vida religiosa como um carisma dentro da Igreja. Não fala de superioridade dos religiosos dentro do povo de Deus, mas de diferença de carismas. Nas publicações imediatamente posteriores ao Concílio exprime-se a necessidade de uma mudança, de uma passagem. Os religiosos devem passar de uma posição de possessão à inserção, da autoridade à colaboração, do complexo de superioridade religiosa a um sentimento de fraternidade, do complexo de inferioridade humana a uma franca participação na vida, do desejo de conversão moral a uma paixão missionária. Essa etapa durou pouco.

**Etapa post-conciliar.** O post-concílio foi agitado e as posições teológicas correram muito depressa. A afirmação conciliar sobre a legítima autonomia do profano conduziu à teologia da secularização que teve um impacto maior na Europa onde se verificava de fato, uma secularização das massas. O relacionamento com Deus deve ser vivido na secularidade e não num contexto sacral. Esse posicionamento questionou a vida religiosa, levando-a a repensar-se em termos seculares, ela não é fuga do mundo mas presença no mundo; a escatologia não é mera espera passiva mas construção do Reino aqui e agora; a pobreza foi interpretada como colaboração para uma vida social mais justa; enfocou-se a castidade não como simples renúncia do sexo mas como disponibilidade para o serviço universal, e a obediência como docilidade ao ca-

risma, aos apelos da comunidade eclesial e ao Espírito Santo, através do discernimento. A comunidade religiosa foi definida como uma comunhão na mesma fé e no mesmo carisma: uma vida normal que revela de modo incisivo os valores do Reino.

Na América Latina, onde não se verifica uma secularização das massas mas apenas de minorias, particularmente a partir de Medellín, surge a teologia da libertação. Superadas as categorias desenvolvimentistas, verifica-se que o problema verdadeiro é o de uma imensa injustiça e opressão cujos mecanismos é preciso conhecer e denunciar, recuperando a dimensão profética do cristão, não apenas através de palavras, mas também de gestos concretos solidarizando-se com os pobres. A Igreja latino-americana faz em Medellín uma releitura do Concílio diferente da Igreja européia e parece que a Igreja oficial, cujo centro nervoso se situa no velho continente, olhou com mais simpatia a secularização do que a libertação. Nessa perspectiva a vida religiosa aparece como denunciadora das opressões e egoísmos que excluem do Reino através de uma solidariedade sem reticências com os pobres e de uma denúncia das injustiças estruturais. A experiência de Deus é feita em meio à própria conflictividade social e na **kénosis** dos pobres.

Pouco depois aparece a teologia da festa em que a utopia, a contemplação, a gratuidade são valorizadas. A vida religiosa é então interpretada não como uma vida normal,

mas precisamente como uma ruptura com a vida normal fazendo aparecer os aspectos de gratuidade, da utopia, do escatológico, do serviço e da alegria.

Ao lado dessa linha mais teórica de reflexão houve mudanças internas e externas na **práxis** da vida religiosa. Na América Latina percebeu-se que não havia mais sentido em manter o paralelismo pastoral, característico da vida religiosa com a Igreja local e a participação dos religiosos na pastoral de conjunto. A partir desse encontro os religiosos descobrem a sociedade urbana secularizada e muitos inserem-se em organismos estatais através da profissionalização, abandonando obras e tipos de residências tradicionais. A inserção na sociedade urbana conduziu à descoberta das injustiças estruturais de nossa sociedade, do sub-mundo dos pobres e das grandes maiorias marginalizadas. Essa tomada de consciência leva um significativo número de religiosos a uma opção preferencial pelos pobres e a uma inserção no meio deles (1).

Agora surge Puebla confirmando e aprofundando as posições de Medellín, com sua histórica opção preferencial pelos pobres, dirigindo aos religiosos um apelo particular no sentido dessa opção.

No meio de todo esse torvelinho e dessa instabilidade os formadores constituem um grupo um tanto angustiados e indecisos perguntando-se incessantemente se estão trilhando ou não o caminho certo e se estão verdadeiramente formando o religioso do futuro ou deformando-o. Não há ainda sucessos definitivos na formação, há tentativas de acertar.

Pretender definir os caminhos da formação religiosa após Puebla seria uma temeridade. Nosso objetivo é muito mais modesto. Pretendemos partilhar com os formadores algumas idéias que possivelmente ajudarão a esclarecer o campo da formação e em seguida teceremos breves considerações sobre o desafio de Puebla para que juntos continuemos a procurar os caminhos evangélicos da formação.

## **O complexo trabalho de formação**

Tentemos esboçar um quadro geral dos aspectos implicados no trabalho de formação. Sem essa visão de conjunto não assumiremos uma linha precisa na formação de nossos jovens e nada há de mais deformante do que a ausência de um projeto de formação assumido, ainda que deficiente.

No trabalho de formação devemos levar em conta: os componentes, as etapas, a dinâmica e as estruturas de apoio.

**COMPONENTES.** Quando um jovem se apresenta aos nossos postulantes ou noviciados ele traz um conjunto de riquezas e deficiências em diferentes campos que serão a matéria-prima de nosso trabalho formativo.

No **campo humano** se apresentarão com certa riqueza de personalidade, dons e carismas pessoais que deverão ser identificados e potencializados ao máximo para a atividade apostólica. Ao mesmo tempo apresentarão falhas de personalidade, defeitos que deverão com a ajuda do

formador e da comunidade, ser superados e integrados harmoniosamente.

No **campo espiritual** eles não se apresentam na estaca zero. Houve uma experiência do Deus vivo que os chamava para uma consagração total de vida, esse apelo foi ouvido e acolhido e após longo período de discernimento na oração, decidiram-se a dar um passo. Há portanto uma experiência espiritual prévia que não deve ser desconsiderada mas aprofundada. Há uma vida de fé, de esperança e de caridade, há uma experiência de Deus e de oração e há também enfoques peculiares da espiritualidade própria de cada um.

No **campo apostólico** nossos candidatos de hoje, normalmente, não se apresentam também de mãos vazias: já participaram de grupos de jovens, muitas vezes liderando esses grupos, atuaram apostolicamente nas paróquias, na catequese, nas comunidades de base... enfim uma riqueza que deverá ser acolhida, valorizada e dinamizada sobretudo na direção de experiências apostólicas novas, de acordo com o carisma próprio da congregação.

No **campo intelectual** haverá maior diversidade e talvez maiores deficiências. A pastoral de juventude orientou-se nos últimos tempos mais numa linha de vivência do que numa linha de doutrina e encontramos, com frequência, em nossos candidatos, grandes lacunas no conhecimento e na expressão da fé. De acordo com o carisma de cada instituto o campo intelectual deverá ser mais ou menos alargado.

No **campo psicológico** nos deparamos com personalidades muito diversas: alguns possuem um grande equilíbrio interior, outros, marcados por experiências negativas do passado carregam fortes bloqueios que impedem o desabrochar de personalidades sadias: inibições profundas, complexos de culpa, não aceitação de si mesmos, insegurança, sentimentos de inferioridade. Ainda não estamos seguros quanto ao modo de ajudar nossos candidatos nessa área.

No **campo social**, enfim, nossos candidatos apresentarão um leque variado de experiências e de visão da sociedade. Uns trarão uma rica experiência de convivência com os pobres e de trabalho nas comunidades de base, outros nenhuma; uns terão uma visão ingênua da realidade, outros uma visão crítica e radicalizada.

Esses seriam alguns componentes, matéria-prima da formação, que devemos levar em conta se queremos ser verdadeiramente formadores e educadores da personalidade religiosa de nossos jovens: componentes humanos, espirituais, apostólicos, intelectuais, psicológicos e sociais. Todos eles são importantes e devem crescer harmoniosamente ao longo da formação. A atrofia de algum desses componentes durante a formação trará necessariamente conseqüências funestas.

**ETAPAS.** Em termos de sucessão as etapas da formação estão, no momento, definidas com bastante clareza e não houve muitas inovações nesse particular. Com ligeiras modificações, o esquema para as congre-

gações masculinas sacerdotais se apresenta assim distribuído: noviciado, filosofia, teologia, formação permanente. Algumas congregações inverteram filosofia e noviciado e algumas outras inserem algum ano de experiência apostólica no meio dos estudos.

Para as congregações femininas as etapas costumam ser: postulante, noviciado, juniorado, sendo esse bastante diversificado segundo os carismas do instituto e as aptidões de cada religiosa, seguindo-se a formação permanente.

Se em termos de sucessão as etapas estão claras, não podemos dizer o mesmo em termos do conteúdo de cada etapa em relação aos componentes, deveríamos trabalhar mais intensamente no sentido de dosar esses conteúdos para cada etapa e somente a experiência mostrará se estamos acertando ou não.

**A DINÂMICA.** O ponto importante a ser verificado no processo de formação é a dinâmica que estamos seguindo. Houve mudanças nessa dinâmica mas nem sempre estamos conscientes dessa transformação, o que leva inevitavelmente a oscilações na atitude dos formadores.

Antes do Concílio essa dinâmica era bem clara: havia um sistema para cada etapa da formação, sistema detalhada ao qual devia ser submetido todo aquele que entrasse na vida religiosa. Recordamos por exemplo do sistema próprio dos noviciados, com seus horários picados, suas práticas rígidas, suas provações artificiais, e do mesmo modo nas etapas posteriores da formação. O

característico dessa dinâmica era o controle tanto do comportamento como da doutrina. O formando se formava entrando nesse esquema, aceitando-o e sujeitando-se às práticas previstas para aquela etapa. O relaxamento na execução do esquema era sempre visto com desconfiança, era sinal de que não havia bom espírito. Supunha-se que percorrendo as sucessivas etapas da formação o religioso estaria bem formado, o que em muitos casos era verdade, como os resultados o mostram.

O que formava era a própria estrutura das casas de formação. Podia acontecer que os religiosos responsáveis pela formação nem sempre tivessem o carisma de formadores e senso pedagógico, mas essa deficiência não era muito sentida uma vez que era suprida pela estrutura até certo ponto.

O Concílio Vaticano II deu, no seu conjunto, grande ênfase à liberdade. Sob o impulso desse sopro do Concílio, desmontou-se pouco a pouco o sistema de controle, fazendo-se apelo à liberdade. Essa transição foi confusa, insegura como toda época de mudança e em muitos casos dolorosa: passava-se de uma dinâmica de formação fortemente estruturada para outra dinâmica que caminhava às apalpadelas em meio a incertezas e angústias. O esforço dos formadores por responder às exigências novas da formação foi notável e nem sempre compreendido pelos seus confrades.

Atualmente novos caminhos vão se definindo, após inúmeras experiências realizadas e podemos perguntar-nos se os dois extremos: con-

trole total e liberdade total são a solução. Talvez o problema deva ser colocado em termos de identidade. O candidato, ao longo das diferentes etapas da formação deverá ir assumindo livremente a identidade do religioso na Igreja, de acordo com o carisma próprio de seu instituto, e para assumir essa identidade precisa de certas estruturas de apoio.

O eixo central da dinâmica seria pois a identidade religiosa. Tal identidade deve, antes de mais nada, estar bem clara para os formadores: que é ser religioso, na Igreja e em determinado instituto, e podemos acrescentar na América Latina, porque cremos dar-se nesse ponto nosso encontro com Puebla. Muitos institutos preocuparam-se, após o Concílio, em redefinir sua identidade, elemento de essencial importância: se não sabemos quem somos, se não somos capazes de definir-nos seremos irreconhecíveis não só para os outros, mas a nossos próprios olhos. O formador não somente deve ter a compreensão clara dessa identidade, mas também vivê-la o mais coerentemente possível.

Seria altamente desejável que houvesse unanimidade na interpretação da identidade por parte dos membros do mesmo instituto, mas tal não acontece e a diversidade de interpretações gera um problema para os formandos. Pede-se, pelo menos, um acordo de base quanto aos pontos fundamentais do carisma. Por outro lado se essa diversidade de interpretações acontece entre os próprios formadores, os formandos ficarão confusos quanto à sua própria identidade.

Não basta contudo que essa identidade seja definida com clareza nos documentos, é preciso que ela seja encarnada na vida real dos religiosos que formam um corpo. A referência ao corpo, no que diz respeito aos formandos, é fundamentalmente a referência aos membros de sua Província. Quando os membros de uma Província estão divididos quanto à interpretação de sua identidade, seja em matéria de vivência, seja de obras apostólicas, os formandos serão levados a identificar-se apenas com parte desse corpo.

### **AS ESTRUTURAS DE APOIO.**

São muitas. Aqui enfocamos apenas três principais: a compreensão, a experiência e o acompanhamento.

**A compreensão.** Trata-se de uma progressiva percepção de Jesus Cristo, da Igreja, do homem, da vida religiosa e do carisma do próprio instituto, com sua espiritualidade e seu serviço específico, ou seja, de uma visão teológica que vá harmonizando esses diferentes aspectos e levando a um compromisso efetivo em termos de vida. O importante é que essa compreensão não fique no nível puramente teórico, mas que seja encarnada na vida na medida mesma em que se ampliam seus horizontes. A compreensão deve sobretudo atingir a identidade do religioso no seu instituto e na Igreja da América Latina.

Os instrumentos da compreensão são os diferentes cursos que se vão ministrando ao longo do noviciado, juniorado, etc., as leituras e aprofundamentos desses cursos, os retiros, o acompanhamento pessoal e a experiência.

**A experiência.** O sentido que damos aqui à palavra experiência é bastante amplo: tudo o que atinge de modo significativo, a vida do religioso em qualquer dos componentes acima descritos: pessoal, espiritual, apostólico, intelectual, psicológico e social. Em todos e cada um desses níveis o religioso irá fazendo experiências ao longo da formação, experiências que deverão ser integradas em sua identidade.

Todos os que estão habituados a acompanhar pessoas na linha do aconselhamento, sabem das repercussões que as experiências da vida vão tendo na interioridade de cada um, umas positivas, outras negativas, umas levando a crises passageiras ou profundas, outras agindo como fator de progresso e unificação interior. O certo é que as experiências precisam ser integradas no todo da personalidade e que de cada experiência nova o formador deve tirar todas as conseqüências, acompanhando o processo de amadurecimento das mesmas na linha de assimilação da identidade religiosa.

A experiência fundante da vida religiosa será sempre a experiência da fé, a experiência de Deus e de Jesus Cristo que deverá estar sempre no centro da vida do religioso e em torno a esse centro irão se articulando as demais experiências (2). Evidentemente, toda experiência de Deus é mediatizada, próxima ou remotamente, pela experiência do irmão: "fides ex auditu". Se outra experiência passar a ocupar o centro o religioso não encontrará mais sua identidade. A fé deve conservar-se como fé e nunca diluir-se numa ideologia: "sois sacerdotes e religiosos,

não sois dirigentes sociais, líderes políticos ou funcionários de um poder temporal" (João Paulo II).

**O acompanhamento.** Nesse processo de assimilação da identidade religiosa o acompanhamento seria a mais fundamental estrutura de apoio. Longe de menosprezar a experiência do candidato anteriormente à sua estrada na vida religiosa, deve-se, pelo contrário, tomá-la como ponto de partida, proporcionando-lhe novas experiências e acompanhando-o passo a passo na abertura de horizontes e na encarnação dos novos valores em termos bem concretos da vida.

O acompanhamento suporá uma comunidade de vida entre formadores e formandos onde haverá momentos de diálogo a dois ou de orientação espiritual, e onde haverá também uma convivência na qual a confiança recíproca é essencial: se não houver confiança não haverá abertura e não haverá acompanhamento. Muito mais do que pelo que dizem, conhecemos as pessoas pela convivência, partilhando a vida; somente aí podemos verificar se a identidade está sendo encarnada ou se permanece no nível puramente teórico.

No diálogo a dois podemos de algum modo orientar-nos pelo método ver, julgar, agir, consagrado em Puebla; um método eminentemente formativo.

**Ver:** o formando expressa sua experiência de vida na linha de algum dos componentes. Nesse momento não se trata de dar um juízo de valor sobre as atitudes ou os critérios

de vida, mas simplesmente de acolher os fatos. O êxito dos passos seguintes dependerá em grande parte da clareza de expressão do formando e da adequada intelecção da mesma por parte do formador.

**Julgar:** esse momento surge do anterior e é, às vezes, um momento conflitivo. Trata-se de confrontar e questionar o que foi expresso a partir do Evangelho e do espírito ou carisma do instituto. Aqui deve aparecer a "novidade" que não surge da mera **práxis** histórica do formando, mas que a ilumina de fora a partir da revelação e do espírito do instituto aceito na fé. O confronto não será feito no abstrato, mas no concreto da situação expressada e de acordo com o momento pessoal e existencial do formando; em outras palavras ele deve ser dosado.

**Agir:** é o momento de síntese dialética que surge dos dois momentos precedentes. Se o julgar foi bem feito sentimo-nos chamados a abriremos para o futuro e a assumirmos as conseqüências do que foi descoberto. Surge uma verdade nova, percebida como alviçareira notícia que exige o risco de outra **práxis** mais rica, mais cristã, mais conforme ao espírito do Evangelho e do instituto.

A partir desse agir surgirá uma nova expressão que levará a um novo confronto e assim sucessivamente. O diálogo espiritual dependerá muito do tipo de temperamento, caráter e personalidade tanto do formador como do formando, e de modo todo particular do carisma pessoal do formador (3).

Os quatro setores da formação que acabamos de descrever: compo-

nenes, etapas, dinâmica e estruturas de apoio estão intimamente interrelacionados. Algumas observações complementares.

— Alguns componentes devem ser mais enfatizados em certas etapas do que em outras. Assim será próprio do noviciado centrar-se mais nos componentes pessoais, espirituais, psicológicos. Será próprio do juniorado ou da filosofia e teologia acentuar o componente intelectual e uma visão crítica da realidade político-social.

— Todos os componentes deverão estar presentes em todas as etapas. O componente intelectual está presente no noviciado mas o estudo não é a característica do noviciado. A espiritualidade e a integração psicológica deverão continuar ao longo do juniorado, filosofia e teologia, ainda que não sejam o componente mais específico dessas etapas.

— A formação não se dá em uma única etapa, mas ao longo de todas. Assim a dinâmica centrada na identidade, admitirá um certo controle maior em certas etapas como no noviciado, que será uma estrutura suplementar de apoio para que o noviço adquira hábitos de vida pobre, simples, fraterna e comunitária. Em outras etapas far-se-á um apelo maior à liberdade no sentido de assumir a identidade.

— Também as experiências terão tonalidades diferentes nas diversas etapas e por isso o acompanhamento supõe a presença, nos diferentes momentos da formação de formadores qualificados para orientar o formando em cada etapa. O estudo da filosofia e teologia suscitarão interroga-

ções e experiências interiores que exigirão um acompanhamento à altura. Do mesmo modo, determinadas experiências apostólicas supõem um grau de maturidade maior; submeter um religioso em formação a uma experiência apostólica para a qual ainda não está preparado e suficientemente maduro pode desestruturá-lo. Escalonar as experiências apostólicas ao longo da formação.

— Finalmente, é preciso colocar em relevo que a figura do formador adquire hoje uma importância capital. Se antes a estrutura das casas de formação supria em boa parte as deficiências dos formadores, hoje, o sucesso da formação dependerá fundamentalmente do carisma dos formadores, de seus dons naturais e adquiridos de liderança, de discernimento, de diálogo, de doação da vida em favor dos formandos. Pode-se perguntar se a crise da formação após o Concílio não se agravou mais ainda precisamente pela falta de formadores preparados para exercer essa função sem o apoio da estrutura tradicional das casas de formação.

### **Puebla e a identidade do religioso latino-americano**

Se é certo o nosso enfoque de que o ponto central da formação consiste na assimilação de uma identidade, cabe-nos perguntar em que pontos as opções da III Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla afetam a identidade do religioso em nosso continente. Cremos que, mais do que o documento específico da Conferência sobre os religio-

sos, são os grandes eixos de Puebla que atingem nossa identidade religiosa.

Em primeiro lugar a grande chave de leitura do documento “comunhão e participação”. Tal consigna vai exigir da Igreja muitas revisões de sua prática pastoral a fim de que seja no mundo um sinal convincente de comunhão e participação. Ela interroga igualmente a vida religiosa tanto em sua vida interna como em sua relação com a sociedade. Se de Medellín a Puebla a inserção dos religiosos nos meios populares, em número mais significativo, foi, no dizer de nossos bispos, um dos sinais de vitalidade da Igreja, é de se esperar que esse movimento de conversão cresça como presença evangélica de comunhão e participação junto às massas marginalizadas de nosso continente (4).

“A opção preferencial pelos pobres”. “O serviço aos pobres é a medida privilegiada, mas não exclusiva, do nosso seguimento e serviço ao Cristo” (909) (5). Se a vocação religiosa é um chamado para seguir e servir a Cristo em radicalidade essa opção de Puebla nos diz respeito de modo muito particular, e é nesse sentido que a Conferência “incentiva os religiosos a assumirem o compromisso preferencial pelos pobres” (619). — Se nos incentiva é porque não o assumimos plenamente e daí necessidade de uma conversão: “para viver e anunciar a exigência de uma pobreza cristã, a Igreja toda precisa rever suas estruturas e a vida de todos os seus membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas a uma conversão efetiva” (922) e “essa conversão traz consigo a exi-

gência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor” (923).

Daí que as comunidades eclesiais de base sejam uma estrutura pastoral privilegiada em decorrência da opção preferencial pelos pobres: “as comunidades eclesiais de base são expressão do amor preferencial da Igreja pelo povo simples” (491). É por isso que os bispos, como pastores, se comprometem a promover, orientar e acompanhar as comunidades eclesiais de base e a “favorecer a descoberta e a formação gradual de animadores para elas” (496). Aqui está um apelo para nossa atuação pastoral.

Tudo isso exige que vivamos a fé em sua dimensão social e política: “nossa conduta social é parte integrante de nosso seguimento de Cristo” (347). Como religiosos que professamos seguir a Cristo, o social não pode estar alheio à nossa visão de fé, tanto mais que a Igreja “condena a todos aqueles que tentam reduzir o espaço da fé à vida pessoal e familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem aí relevância” (381).

Esses grandes eixos que surgem da reflexão de Puebla atingem nossa identidade enquanto religiosos da América Latina e não podemos prescindir deles na formação dos religiosos de amanhã. Eles constituem um desafio para os formadores atuais e da resposta a esse desafio agora, dependerá a vitalidade da vida religiosa do futuro desse continente.

Esse desafio sugere-nos algumas considerações de ordem prática a respeito da formação na vida religiosa. Puebla não responde às nossas interrogações sobre a formação, acrescenta outras e é preciso continuar na busca de soluções.

Seria necessário que os formadores fizessem um esforço para refazer sua teologia, se por acaso ainda não o fizeram, porque a dinâmica da formação centrada na identidade dependerá em grande parte da compreensão que o formador tenha de sua própria identidade. Assim, se aos olhos do formador a missão da Igreja é essencialmente religiosa e espiritual, preocupando-se unicamente com a salvação eterna do homem, a dinâmica da formação será uma; se por outro lado, para ele, a missão da Igreja é a salvação integral do homem que não somente é um ser espiritual mas também social, político e histórico, a dinâmica da formação será outra. Ora, somente esse segundo enfoque teológico parece capaz de sustentar as opções de Puebla e a identidade do religioso na América Latina. Já Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* declarava: “A Igreja não admite circunscrever sua missão apenas ao campo religioso, como se desinteressasse dos problemas temporais do homem” (EN. 34).

Os formadores devem também aprofundar sua compreensão da experiência de Deus, à qual alude Puebla ressaltando que “alguns religiosos não conseguiram a integração entre vida e oração” (571). Em nosso entender a experiência de Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, abarca quatro dimensões: a

experiência da santidade de Deus, como Isaías em sua visão no templo (Is 6, 1-8); a experiência da presença amorosa de Deus, como o salmista (Sl 138); a experiência da misericórdia de Deus, como Davi e o povo de Israel em seu conjunto (Sl 50); e finalmente a experiência da justiça de Deus: sendo justo não pode admitir a injustiça no meio do seu povo: foi a experiência dos profetas.

A experiência do Deus santo e do Deus presente supõe certa interioridade e acontece com frequência durante o silêncio de nossos retiros espirituais ou de nossos momentos de recolhimento. A experiência do Deus misericordioso supõe a consciência do pecado pessoal: sem consciência do pecado não há conversão. A experiência do Deus justo supõe a consciência do pecado social e sem consciência do pecado social não há conversão social.

Nossa tradição de vida religiosa ensinou-nos a conduzir-nos satisfatoriamente nos três primeiros tipos de experiência de Deus. O desafio atual é a experiência do Deus justo. É importante termos uma consciência crítica da realidade social mas ela pode levar-nos apenas a uma aparente conversão evangélica, como os fatos o mostram. Somente na medida em que sentirmos na pele as conseqüências do pecado social, como os pobres as sentem, teremos chances de uma verdadeira conversão social e de uma solidariedade efetiva com os pobres. Abrir pois espaços de inserção entre os pobres durante a formação e mesmo a partir do noviciado.

O importante será não conduzir a experiência de Deus unicamente na direção de um encontro com ele na interioridade e no silêncio do claustro a tal ponto que se tornasse impossível encontrar o Deus justo em meio à conflitividade social e às lutas pela justiça e pelos direitos e dignidade da pessoa humana. Talvez seja por esse tipo de formação dada no passado que "alguns religiosos não conseguiram a integração entre vida e oração".

Dada a opção preferencial pelos pobres, assumida por nossos bispos é de prever-se que a Igreja latino-americana comprometer-se-á cada dia mais com os marginalizados da sociedade e na medida em que o fizer, terá necessariamente que participar de suas lutas, de suas reivindicações, de sua aspiração à liberdade em face da opressão. Desde Medellín a Igreja iniciou sua conversão para os pobres, mas a partir da histórica opção de Puebla podemos esperar um compromisso mais efetivo e mais amplo de todos os setores da Igreja ao lado deles.

As vocações religiosas que no momento surgem particularmente a partir de uma experiência do Deus santo e presente, surgirão cada dia mais a partir da experiência do Deus justo. Até que ponto nossos noviciados e nossas estruturas de formação filosófica e teológica estão capacitadas a responder aos novos anseios da juventude que, sem dúvida, procurará a vida religiosa no desejo de radicalizar sua solidariedade com os injustiçados e oprimidos? Até que ponto poderemos oferecer-lhes uma espiritualidade coerente que acolha,

aprofunde e dinamize essas aspirações? Até que ponto o conforto de nossas casas de formação, a segurança de nossa pobreza, as obras apostólicas em que estamos comprometidos, serão estorvo e contrastemunha para o desabrochar de inúmeras vocações no futuro próximo, se já não o são agora?

Creemos ser esse o grande desafio de Puebla para nós formadores. O desafio é urgente. Em face dele podemos esperar que a crise estoure, que nossos noviciados se esvaziem novamente para depois pensarmos no problema, ou, entrando no espírito de Puebla, assumindo a opção preferencial pelos pobres, procurar aqui e agora novos caminhos para a formação, caminhos que respondam aos apelos dos nossos bispos, interpelem a generosidade dos nossos jovens e façam que Puebla não seja letra morta mas realidade vivificante. O tempo da estabilidade da formação ainda não chegou.

Finalmente seria oportuno rever o próprio conceito de formação. Tradicionalmente entendia-se por formação sobretudo a aquisição de conhecimentos e por isso o período de formação identificava-se com o tempo dos estudos. Terminados os estudos, terminava a formação: supunha-se que o religioso estava formado. Atualmente falamos de formação permanente porque estamos conscientes de que todos estamos em formação até o fim da vida: as experiências são sempre novas e sempre formativas. A valorização desse conceito de experiência em seu sentido amplo como o consideramos nesse artigo, deveria entrar como referência importante da dinâmica de formação. O jovem de hoje é pouco propenso a aceitar argumentos de autoridade, para ele o argumento decisivo é a experiência. Sem querer minimizar a aquisição de conhecimentos julgamos ser a experiência o fator preponderante da compreensão e da assimilação da identidade religiosa.

## NOTAS

(1) Ver interessante análise de Frei Leonardo Boff, OFM: **Evolução da Vida Religiosa na América Latina**, Convergência, janeiro/fevereiro 1979, páginas 51-57. (2) K. Rahner dizia: "O cristão do futuro ou será um místico, isto é, uma pessoa que experimentou algo, ou não será cristão. K. Rahner, *Espiritualidad antigua y actual*, Escritos de Teologia VII, Madrid, 1967, página 25. (3) Luís Perez

Aguirre, **Apuntes de un Maestro de novicios**, Enlace, set. 1975, páginas 105-106. (4) Sobre a importância desta chave de leitura de Puebla e os diferentes níveis em que pode ser interpretada, ver artigo do Pe. João Batista Libânio, SJ: **Comunhão e Participação**, Convergência, abril 1979, páginas 161-171. (5) Todas as citações do documento de Puebla foram extraídas do documento provisório: **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**, Ed. Paulinas.

# COMUNIDADE RELIGIOSA: REALIDADE OU UTOPIA?

*O discurso normativo da vida comunitária  
não é um discurso teórico,  
mas um discurso prático. Fazemos  
não o que queremos mas o que percebemos  
poder ou nos é permitido diante  
da realidade histórica que está diante de nós.*

**Pe. Cleto Caliman, SDB**  
Belo Horizonte, MG

## **Premissa**

Falar de “comunidade religiosa” em geral é uma abstração. Não existe na realidade ‘a’ vida religiosa, ‘a’ comunidade religiosa. O que verdadeiramente existe é uma variedade bastante diferenciada de ordens, congregações, institutos religiosos, cada qual com suas comunidades concretas, organizadas de acordo com seus próprios carismas, seu espírito. Por isso, falar assim de forma genérica de “comunidade religiosa” parece, no mínimo, pretencioso. Para evitar mal-entendido é bom explicitar logo de início que aqui se fala de comunidade, mas não diretamente a partir da vida religiosa. O pano de fundo vai ser a história, a sociedade, em que se insere a mesma comunidade. De fato, a vida religiosa não possui modelos próprios de co-

munidade para oferecer aos outros. O que ela faz, isto sim, é tomar emprestado modelos que a mesma conjuntura oferece e viver esses modelos com espírito evangélico. Por desconhecer essa relação é que essa **conversa** sobre comunidade parece no mais das vezes, monótona e voluntarista, cheia de expressões como: “seria bom que a gente . . .” “quem sabe se . . .”. Por outro lado, ela se apresenta **romântica**, resultado de uma visão **idealista** da vida.

## **1. Motivo destas páginas**

Em reunião promovida pela CRB/Regional de Belo Horizonte, a 10 de maio de 78, discute-se vivamente hoje sobre a caminhada da vida religiosa nos últimos anos. Afinal, houve progressos ou não? Há algum impasse ou devemos dar por

satisfeitos que tudo está em perfeita ordem e paz? Que orientação tomar para frente? Diante destas e outras questões estas linhas manifestam ponto de vista de que nesta década, apesar de todos os progressos, ou mesmo por causa deles, revela-se uma **ruptura** ainda não suficientemente percebida entre o que vamos chamar de “discurso normativo do superior”, base de suas decisões de mando; e o “discurso normativo do súbdito”, base de sua postura crítica diante do superior e da organização que ele representa. Parece que há um vazio, pela falta de uma **mediação** clara entre os dois discursos, que não seja a boa vontade e o ideal presente nos dois lados. O que se pretende aqui é levantar alguns elementos de discernimento, com o objetivo de explicitar evangelicamente essa mediação concreta e existencial na vida da comunidade religiosa.

## 2. O ponto de partida

Para avaliar o nível de convivência fraterna parte-se normalmente de algum pressuposto ou preconecito, no bom sentido do termo. Qual seria esse pressuposto para nós?

2.1. Parte-se comumente do pressuposto da ordem e da **uniformidade** que deveria reinar na comunidade? Então o acento vai para o grupo enquanto **organização**.

2.2. Parte-se em geral do pressuposto da **diversidade** e da tensão que existe de fato na comunidade? Então o acento vai cair na **individualidade** da pessoa.

2.3. Parte-se de um **projeto de unidade**, tendo em conta a diferença e a originalidade de cada um dos

membros da comunidade? Então o acento vai para a **mediação** comunitária.

## 3. Os condicionamentos

Para conseguir algum resultado não basta descobrir o que cada um acentua mais. É preciso refletir sobre a vida comunitária com mais realismo, perguntando pelas **condições de produção** desta mesma vida de comunidade, quer do ponto de vista subjetivo quer objetivo.

3.1. Quais são os condicionamentos **subjetivos** que cada membro da comunidade carrega consigo? São dados como temperamento, jeito, visão pessoal do mundo e da vida, defeitos, mecanismos de defesa, de apoio, de recompensa e outros. São realidades das quais não se pode fugir. São dados diante dos quais nada valem os “desejos piedosos”, os atos de boa vontade abstratos. Vale muito, isto sim, a disposição prática de cada um por compreender o outro como ele é.

3.2. Quais são os condicionamentos **objetivos** de cada um dos membros da comunidade? São dados como locais de trabalho, moradia, instituições e regulamentos, encargos específicos, relacionamentos externos e outros que tais, como somos de carne e osso, tudo isso vai demarcar a visão que temos da realidade da vida de comunidade. Esse é o lugar do sacrifício “propter bonum comune” ou o lugar da “mea maxima poenitentia, vita communis” dos antigos. A posição que cada qual ocupa pesa sobre a visão da vida comunitária. Aqui também meros desejos são normalmente inúteis. Ao

contrário, é preciso desenvolver uma capacidade de compreender, num mesmo esforço de convivência, as diferenças e tensões, sabendo de antemão que diferenças e tensões são a norma e não a exceção. Mas ainda, cabe analisar as mesmas diferenças, mostrando os mecanismos que as sustentam, procurando superar as divergências, apresentando alternativas válidas.

#### 4. Comunidade e utopia

Sendo a vida de comunidade, assim como é, cheia de percalços, provavelmente para muitos, junto com as dúvidas a respeito de sua viabilidade, chega também o pessimismo. Não é possível articular uma comunidade religiosa perfeita! Falando de comunidade o que se anuncia é mais um desejo do que uma realidade! De acordo. A comunidade é uma **utopia**. Mas o que é mesmo utopia? Seria preciso esclarecer o que se entende por utopia, dizendo que não é a mesma coisa que **fantasia**. Esta **não** tem suporte na **realidade vivida**. Ela é fruto da imaginação solta e desligada. A utopia, por sua vez, tem sua matriz na **realidade** inacabada, ainda por fazer, mas vivida, sofrida e projetada para o futuro. A utopia antecipa o futuro em vista de uma realização **possível**.

#### 5. Utopia e ponto de partida

A compreensão da comunidade como utopia, no sentido acima, depende da posição de quem a julga, isto é, depende do ponto de partida, da ótica de quem olha.

5.1. Quem vê a convivência comunitária do lado da harmonia e da **uniformidade** (romântica, idealista

ou mesmo legalista), tendo como pano de fundo o discurso da autoridade tradicional. Acha que a vida de comunidade hoje é uma **fantasia**. Ela já foi longe demais. Haveria desordem demais. Na verdade, sua idéia de comunidade é muito perfeita, para não dizer abstrata, e por isso só colhe **frustrações**.

5.2. Quem olha a convivência comunitária do lado da diversidade, da tensão e do conflito, sem perder de vista que somos diferentes uns dos outros, pode tirar duas linhas de compreensão, uma baseada na dispersão, outra na convergência.

1. Uma primeira linha, baseando-se na individualidade da pessoa e na sua autonomia, tende a ser **individualista**. Produz um discurso normativo solipsista, não-dialogal, intransponível. Leva à **dispersão**.

2. Uma segunda linha, baseando-se também na individualidade **pessoa**, mas enquanto abertura para o outro, pela aproximação mútua e crescimento nas relações, torna possível uma **caminhada comum**, a ser conduzida no diálogo aberto. Essa disposição produz um discurso normativo a partir da mediação da comunidade. A comunidade é imperfeita, mas pode crescer.

#### 6. Comunidade e sociedade

A vivência comunitária não se esgota numa sua realização concreta, qualquer que seja. A comunidade é sempre uma realização deficiente. É mais um espírito, um fermento difundido na massa, como princípio possível de uma formação social. Como tal ela se abre de uma forma

crítica e ao mesmo tempo criativa à sociedade. A vida de um instituto religioso é fermentada continuamente por esse princípio de vida. Mas ao mesmo tempo deve-se afirmar que ela não se esgota nas micro-relações da comunidade. Esta sempre deverá estar aberta à organização social mais ampla, ao instituto, dando-lhe uma dimensão maior. É neste conjunto que a comunidade representa um “esquema de transgressão” da rotina estabelecida na sociedade, no instituto, obrigando-o a se humanizar. Neste sentido, a comunidade é a utopia da sociedade.

## 7. Os modelos de comunidade

O nosso desejo de viver em comunidade não é tão original quanto se possa imaginar. O modelo sociológico que em geral se projeta na vida religiosa é evangélico na sua fonte de inspiração, mas deve-se admitir de imediato que sua articulação concreta se dá no contexto da história. Nós tomamos de empréstimo os modelos. E só a partir disso é que o projeto de vida religiosa enquanto **evangélico** (ligado à fé, sua fonte) constitui-se como crítica aos **modelos sociológicos** que por necessidade histórica se adotam. Em vista disso, faz-se importante tomar consciência da matriz sociológica (por isso mesmo ideológica) da vida comunitária, na qual se encarna a inspiração evangélica. Além do mais, tem-se que atender ao fato de que cada modelo desenvolve seu **discurso normativo** próprio, como última instância de decisão sobre o que deve ser feito. Mais ainda, o discurso normativo não é um discurso teórico (como quanto se diz que “o carisma

do fundador nos indica...”, “o Evangelho quer que nós...”) mas um **discurso prático**. Fazemos não tanto o que queremos fazer ou desejamos realizar, mas o que percebemos poder ou nos é permitido fazer diante da realidade histórica que está diante de nós. Neste trabalho distinguem-se três modelos ou trilhos que fundamentam e dirigem a tomada de posição prática e os discursos normativos nas comunidades religiosas. Esses modelos concretizam uma prática histórica da sociedade. Aqui, para o nosso uso, sem discutir muito a pertinência ou não da nomenclatura, vamos chamar tais modelos de **teocrático** (ligado mais ao mundo medieval), **autocrático** (ligado ao mundo moderno burguês) e **democrático** (ligado ao mundo moderno popular).

7.1. O modelo **teocrático** é o modo clássico e sacralizado de organização social na Igreja da cristandade medieval. Ele serviu também como base para os conventos e casas religiosas. Ele se articula ao redor de uma **organização** forte, representada pela figura do **superior** ou chefe, que por sua vez representa de modo quase exclusivo Deus e sua santa vontade. Diante do superior a pessoa do súdito submete-se numa obediência quase cega. Muitos realizaram exemplarmente, sua vida religiosa dentro desse modelo. O discurso normativo sugerido por ele é por sua própria natureza **autoritária**, mesmo que possa parecer amenizado pelo paternalismo do superior. Mas, e se o superior não estiver assim tão de bom gosto?

7.2. O modelo **autocrático** da modernidade burguesa surge justamen-

te como antítese ou alternativa do modelo teocrático medieval. Atualmente, nesta fase de atualização da vida religiosa, tenta-se renovar o modo de vida da comunidade. Mas neste empreendimento tem-se que perguntar seriamente: a partir de que estímulos faz-se hoje essa atualização? A resposta pode ser até certo ponto, ingênua: fazemos esse esforço de atualização m o v i d o s pelo Evangelho e pelo carisma de nossos fundadores! Essa resposta tem sua dose de verdade, mas esconde algo de fundamental: o mundo em que vivemos e dentro do qual recebemos impulsos de renovação. De fato, onde ficam os estímulos da sociedade em que vivemos? Que tipo de vida ela nos sugere hoje?

Tentando aprofundar essa questão, descobrimos que a sociedade moderna pretende organizar-se a partir dos indivíduos livres. Sua força de coesão está nos sujeitos que livremente se comprometem e assim instituem relações constantes em vista a um objetivo considerado comum. Esse modelo nos propõe um **valor**: a decisão pessoal, o compromisso. Mas sugere também um **defeito**. E qual é a "arapuca" que se arma por trás da tentativa atual de renovação comunitária? Devemos observar que por trás de cada indivíduo que age existe o **interesse** ligado ao lugar ou à situação que cada qual ocupa. Se essa comunidade se organiza do ponto de vista da **individualidade** da pessoa, pode-se logo calcular o que será: no mínimo uma espécie de restaurante comum num edifício de apartamentos de solteiros. O discurso normativo está radicado na prática das liberdades burguesas no

contexto de capitalismo. Seu caráter voluntarista, individualista, concorrente e **reivindicatório** mal e mal pode ser amenizado pelas boas intenções dos sujeitos. Na maioria das vezes, a crítica que se faz dentro das comunidades à velha ordem de coisas parte deste nível. Enquanto aí assentar, não temos como afirmar que estamos progredindo evangelicamente para uma verdadeira renovação.

7.3. O modelo **democrático** de tipo popular é hoje a utopia que se apresenta como tendo possibilidade ou força de realização. Enquanto ainda não conseguimos articular nossas comunidades burguesas, já existem ao nosso redor estímulos para articular a convivência em termos de Comunidades de Base. E como se origina isso? Qual é a experiência básica que a sustenta? Essas e outras perguntas vêm logo à tona. Façamos algumas considerações em torno disso.

a) Antes de mais nada, deve-se observar que esse novo rumo não nasceu normalmente porque o quis assim a **jerarquia** ou o **superior**, por mais que o desejem ou barrem aqueles que lidam com essa nova realidade sócio-ecclesial.

b) Se não nasce da vontade da jerarquia ou do superior, também não nasce da vontade e decisão particular dos **indivíduos**, mesmo que para isso manifestem o máximo de boa vontade.

c) Na realidade, essa nova realidade sócio-ecclesial aparece porque há um conjunto de **condições objetivas**. Ela é fruto de uma nova ex-

periência histórica da sociedade de hoje, que a Igreja e a vida religiosa estão assimilando. Essas condições objetivas estão ligadas ao mesmo desenvolvimento histórico do Povo. O que importa é fazer uma leitura e uma análise de tais condições para que nelas se concretize para hoje a nossa responsabilidade evangélica, o nosso compromisso missionário. É o que se quer dizer quando se exige do cristão e do religioso que seja obediente aos sinais dos tempos.

d) Portanto, a comunidade religiosa renova-se não tanto como resultado de um ato de poder do superior ou do ato de decisão individual dos membros sem mais. Sua renovação é sobretudo fruto de uma caminhada comum, descoberta na leitura e na análise da situação, onde a comunidade, como um todo, descobre sua missão e define praticamente o rumo de sua ação.

e) A comunidade não vai se definir sem mais pela organização que ela representa nem pelos membros que a compõem, mas pela finalidade, isto é, pelos **objetivos** articulados dentro de um **projeto** de vida compartilhado. Aqui se coloca a questão do projeto comunitário.

## 8. Comunidade e projeto de vida

O projeto define os objetivos da ação. Estamos falando insistentemente em projeto de vida. Damos por descontado que temos um projeto de vida cristão. Este, por sua vez, se especifica nas várias formas de grupos religiosos: como franciscanos, jesuítas, dominicanos, etc. É dentro desse projeto mais geral que vem se especificar depois o projeto

de vida pessoal. No contexto desse projeto comunitário cabem práticas diversas. Assim, cabem práticas **rituais**. Mas a vida comunitária não pode reduzir-se a práticas rituais, cujo papel em geral é reforçar a organização. A comunidade também possui práticas **religiosas**. Mas não pode reduzir-se a elas, que reforçam a satisfação das necessidades religiosas pessoais. Práticas rituais e religiosas, devem ser transcendidas e superadas no sentido em que elas devem conduzir às práticas **éticas**: ao exercício concreto da caridade. Os ritos e práticas religiosas devem conduzir a comunidade a “escolher dentre várias ações”, aquela que tem mais força de ressurreição (de uma Apost. do Pe. L. Palú).

## 9. Comunidade e projeto de vida

Todas essas considerações levam à uma compreensão ao projeto de vida comum. Muitas vezes temos uma conceituação abstrata de nossa liberdade, perdendo de vista que ela sempre é uma **liberdade situada**. Nunca conseguimos ser donos absolutos de nosso nariz. O que realmente acontece é que nossa liberdade se exercita na participação ao processo histórico no qual nos inserimos. Esse realismo nos faz conscientes de que não fomos nós que iniciamos. Vamos continuá-lo de um jeito ou de outro, enriquecendo-o com n o s s a própria originalidade. E não vamos terminá-lo. É o que acontece na tradição de nossos institutos religiosos. Recebemos muita coisa por fazer e deixamos também outro tanto para os que nos seguem.

## 10. O projeto de vida religiosa

O projeto de vida cristã como vida religiosa nos coloca essa questão: qual é o específico da vida religiosa? Na verdade, a comunidade religiosa não se organiza unicamente segundo um modelo histórico-sociológico (conforme indicamos acima). Ao contrário, a fé nos incentiva sempre a ir mais para além da sugestão dos modelos sociológicos. Neste ponto devemos tomar consciência de dois elementos determinantes da vida de uma comunidade religiosa. Um, mais geral, que pertence à nossa inserção na Igreja; outro, mais específico, que pertence à mesma tradição do instituto religioso.

10.1. Como religiosos vivemos dentro da Igreja e nela lutamos por objetivos comuns aos homens de hoje. Sendo assim, temos um elemento essencial da vida religiosa que assumimos da vida da Igreja. Qual será ele?

a) Em relação ao projeto de atualização da Igreja em geral, dentro das orientações do Concílio Vaticano III.

b) Em relação ao projeto de renovação da Igreja na atual situação da América Latina e do Brasil, conforme as orientações das Conferências de Medellín e do Episcopado brasileiro.

10.2. Como religiosos vivemos numa tradição que vem de nossos fundadores. Dentro disso, nós devemos sempre de novo perguntar: qual é o caráter específico de nossa comunidade religiosa? Nela vale qualquer coisa ou há um **critério objetivo** para definir o compromisso quer

pessoal quer comunitário, critério esse que não dá para cada qual mexer como lhe convém? Tentemos explicitar mais uma vez o projeto de vida do instituto e nossa posição dentro dele. Quais são os objetivos concretos que ele sugere para realizar hoje?

## 11. A busca de uma síntese existencial

No conjunto, deve-se tentar encontrar uma perspectiva de **síntese existencial** entre os diversos níveis —ou sistemas— em que se articula nossa vida; **pessoa, instituto, Igreja, sociedade**. Cada nível desse tem sua sugestão. A nós compete encontrar uma coerência entre os vários eixos de nossa vida. Qual é em nossa vida esse eixo de coerência que deve perpassar o projeto de vida pessoal, religioso, eclesial e deve se explicitar no mundo? Nosso faro cristão nos diz que é a fé viva!

## 12. O passo que podemos dar hoje

Se, depois de muito falar de comunidade, nada ainda conseguimos enxergar, talvez tenha chegado o momento de ouvir muito e praticar. Todos nós conhecemos a passagem evangélica de Zaqueu (Lc 19-1-10). Não faz mal lê-la novamente, tentando responder por que Zaqueu mudou de vida. Talvez nossas respostas não irão coincidir, mas uma coisa é certa. Ele desceu de seu galho. Não permaneceu “na dele”. Entrou numa dinâmica de seguimento do Senhor. E seguir o Senhor não é fruto de meros desejos. Exige passos concretos e realistas. Se tivermos que andar 20 quilômetros, não poderemos come-

çar logo no quilômetro 10, sob pena de atropelar as leis da física e do movimento. Teremos que começar necessariamente do primeiro passo!

Nesta caminhada o melhor conselho é mesmo o realismo do camponês nordestino que afirma em seu linguajar vivo e concreto:

“Com o pensamento eu viajo para onde quero, num momento.

Mas o corpo não acompanha.

Com os olhos eu viajo até o horizonte, num instante.

Mas o corpo não acompanha.

O corpo só acompanha os passos dos pés”!

Mesters, C., **Um Ensaio do Reino**, Mim. pág. 13

# UMA VIDA RELIGIOSA PELOS CAMINHOS DE PUEBLA

*A preferência por evangelizar e servir aos pobres está condicionada a três critérios.*

*Esta opção: (1) Deve nascer de motivos evangélicos. (2) Não pode excluir o amor universal. (3) Exige séria formação e preparação.*

*Isto se exige do religioso e de qualquer cristão.*

**Pe. Ricardo Antoncich, SJ**

O caminho é uma opção de vida, um projeto de nossa existência. É um termo muito significativo, usado no Antigo Testamento, para expressar a maneira como um povo nômade ia construindo sua história e sua vida por caminhos diversos. Da experiência vital, geográfica, o "caminho" converte-se em símbolo de opções morais. Quem opta pela justiça, percorre este "caminho". "Ando pelo caminho da justiça, através dos sendeiros do direito", diz a Sabedoria no livro dos provérbios (8,20). E Moisés, em seu cântico, tomado do Deuteronômio (32,4) refere-se a Deus como "roca", pois é perfeito seu agir, e todos os seus caminhos são justiça.

Escolher um caminho é opção do homem: "Escolhi um caminho de verdade" (Sl 118.30), mas é também ação de Deus, "que mostra aos

pecadores o caminho; dirige os humildes na justiça e ensina seu caminho aos pequeninos (Sl 24,10). É Deus também que envia João Batista para "ir diante do Senhor, para preparar os seus caminhos" e dirigir nossos pés pelo caminho da paz (Lc 1,76-79).

A pedagogia da fé começa com um caminho, com o êxodo libertador. O povo de Deus recordará no Salmo 67, esse longo caminhar pelo deserto até à terra prometida. O Salmo 118 recorda que esse caminho é a lei do Senhor. Quem a cumpre anda pelo caminho reto. O caminho no Evangelho já não é uma lei; é uma pessoa: Jesus Cristo. Ele é o caminho para o Pai (Jo 1,6),4). Faz-se mister "caminhar nele" (Col 2,6), isto é, caminhar pelos caminhos da caridade e do amor (1Cor 12,32;13), caminhos que são os de Cristo, que

nos amou e entregou-se por nós (Ef 5,2).

A vida cristã, o seguimento de Jesus, é descrito nos Atos dos Apóstolos, como o "caminho" (9,2; 18,25; 24,22). A Igreja não tem outro caminho, senão Jesus Cristo. O Papa João Paulo II usa várias vezes a expressão "caminho" para indicar a missão da Igreja, tanto de buscar e seguir a Cristo, como de servir ao homem. "A Igreja busca continuamente os caminhos de aproximar este Mistério de seu Mestre e Senhor ao gênero humano: aos povos, às nações, às gerações que se vão sucedendo, a todo homem em particular" (R.H. 7d). "A Igreja deseja servir a este único fim: que todo homem possa encontrar a Cristo, para que Cristo possa percorrer com cada um o caminho da vida" (R.H. 13a). Jesus Cristo é o caminho principal da Igreja... caminho para a casa do Pai... e também caminho em direção a cada homem (R.H. 13b). Mas, por outro lado, o homem é também "caminho" para a própria Igreja (R.H. 14a, 14b, 14c), caminho que ao ser percorrido, ao fixar-se ao homem, nos seus problemas reais, nas suas esperanças e sofrimentos, conquistas e quedas, faz que a própria Igreja, como corpo, como organismo, como unidade social, receba os mesmos impulsos divinos, as luzes e as forças do Espírito que provêm de Cristo crucificado e ressuscitado, e é assim como ele vive sua vida" (R.H. 18a).

P o d e m o s, portanto, considerar Puebla como um caminho traçado por nossos Pastores, no desejo de aproximar mais de Cristo o homem e de levar o homem a Cristo Ca-

minho para todos os cristãos; caminho, também, para nós religiosos.

## **I. Os caminhos do homem Latino-Americano**

Numa primeira abordagem do texto dos Bispos sobre a vida consagrada, fixar-nos-emos no como descreveram eles ali uma realidade que interpela a vida religiosa. A explicação desta realidade será iluminada pelo conjunto de textos que em Puebla descrevem a situação do nosso continente como interpelação à Fé. Distinguímos, portanto, dois níveis nesta visão da realidade: a que nos é proposta no texto da vida consagrada e a que se nos propõe no conjunto do documento; ambos níveis esclarecendo-se e completando-se mutuamente.

### **a) Uma visão contemplativa da realidade**

A realidade interessa-nos porque é a única história na qual está se realizando o processo salvador. A história, para um cristão e um religioso, é o lugar da epifania, da manifestação do Amor Pai revelado em Jesus, e que abarca a todo o mundo (Jo 3,16). A visão da realidade que deve caracterizar o religioso é fortemente contemplativa, para descobrir no nosso continente os sinais da presença ou da ausência de Deus. Os Bispos destacam como um dos rasgos mais salientes da Vida Religiosa na América Latina o desejo de interiorização e de aprofundamento na vivência da fé (726), que leva ao propósito de que a "oração chegue a converter-se em atitude de vida, de modo que a oração e vida se enri-

queçam mutuamente; oração que leve a comprometer-se na vida real e vivência da realidade que exija momentos fortes de oração (727).

É importante destacar, então, que os Bispos, em Puebla, não pensaram que o contato com a vida real ponha em perigo a identidade religiosa; pelo contrário: há uma maneira de aproximar-se da realidade que estimula e leva à oração, à vivência da fé, à valorização da própria identidade religiosa, à estima do próprio carisma como uma resposta evangélica ante aos problemas do mundo.

Algumas formas de oração são particularmente propícias para esta contemplação da realidade a partir da fé: "Além de buscar a oração pessoal, existe uma tendência especial à oração comunitária, com a comunicação da experiência de fé e com discernimento sobre a realidade, rezando junto com o povo" (727). A oração constitui, portanto, um caminho privilegiado de contemplação do real, porque remete de modo imediato à vontade de Deus sobre a história, aos seus desígnios, aos seus projetos. Leva também a identificar na realidade a presença do pecado, do egoísmo, da injustiça, contrários ao plano de Deus (28, 186, 324, 437, 1258).

#### **b) Numa realidade que deve ser transformada**

A partir de um olhar contemplativo sobre a realidade, percebe-se o plano de Deus de chamar todos os homens a uma verdadeira comunhão, e também a negação, pelo pecado, desta vocação humana. Face à divisão, ao conflito de interesses, os re-

ligiosos "são chamados a viver em comunhão intensa e contínua com o Pai, que os enche de seu Espírito, urgindo-lhes a construção da nova comunhão entre os homens" (744). A oração não é, pois contemplação passiva, é o momento de acolher e aprofundar o chamado de Deus a transformar a História. E é o momento também de viver com intensidade "o valor supremo da comunhão com Deus e entre os homens", para poder fazer da Vida Religiosa "um exímio testemunho de que o mundo não pode ser transfigurado nem oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças" (744).

A transformação da história deve fazer-se no Espírito do Evangelho. Os Religiosos estão convidados a encarnar no seu modo de viver aqueles valores que podem humanizar o mundo. "Numa sociedade pouco fraterna, dada ao consumismo e que se propõe como fim último o desenvolvimento de suas forças produtivas materiais, os religiosos deverão ser testemunhas de uma real austeridade de vida, de comunhão com os irmãos e de intensa relação com Deus (528). Pelo seu modo de viver, o religioso deve ser "uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja" (750), para que recuperem a sensibilidade evangélica diante de situações injustas, contrárias à vocação em Cristo de fraternidade e filiação.

#### **c) Uma realidade que exige adaptação**

Para agir sobre a realidade é preciso conhecê-la e também adaptar-se a ela, não no que tem de pecado e de incitação a suavizar as exigên-

cias do Evangelho, mas sim, enquanto significa circunstâncias, situações, momentos, ambientes que requerem que a mensagem evangélica lhes chegue da forma acessível. Para isto é preciso saber adaptar a vida religiosa e o próprio carisma “respondendo às novas necessidades do Povo de Deus” (762), e atualizar e adaptar o carisma fundacional a estas necessidades (772).

#### **d) Uma realidade que interpela à Igreja toda**

Esta brecha como realidade angustiante está presente através de todo o documento de Puebla. É uma realidade facilmente constatável já que “ninguém pode negar a concentração da propriedade empresarial, rural e urbana em poucas mãos” (1263).

É inegável “a apropriação por parte de uma minoria privilegiada de grande parte da riqueza”... (1208) que “caminha paralela com a crescente miséria das massas” (1209); este contraste do “entre os que nada possuem e os que ostentam sua opulência” (138) é um “obstáculo insuperável para estabelecer o Reino da paz” (138). Há, pois, uma brecha (452,28,47) que “vem aumentando cada vez mais” (Mens. 2), de Medellín para cá (787) com efeitos na marginalização de grandes majorias e a exploração dos pobres (1268).

Ainda que os Bispos insistam em considerar esta brecha a partir de uma perspectiva pastoral (14, 15, 16, 70, 163, 682, 1255, Mens. 3; 1211) consideram importante que esta realidade seja conhecida (85) e analisada (1307); percebida como

problema que rege a economia e a política vigente (47, 50, 312, 309). Trata-se, portanto, de um fenômeno de dependência (47, 66, 312, 501, 1264) que repercute em campos como a família (575, 610) a cultura, (417) ou os meios de comunicação (1067, 1069, 1073).

#### **f) Situação de pecado**

O fenômeno descrito como “brecha” é uma realidade escandalosa (1154) e “uma contradição com o ser cristão” (28). “São evidentes as contradições entre a ordem social injusta e as exigências do Evangelho” (1257). O pecado “tem dimensões pessoais e dimensões sociais gigantescas” (73); “raiz e fonte de toda opressão, injustiça e discriminação” (517, 186, 1258). Este pecado se manifesta, entre outras coisas, na persistência de alguns em “manter seus privilégios a qualquer preço (Men. 3)... “muitos mostraram uma fé insuficientemente vigorosa para vencer seus egoísmos e sua avareza, e assim viveram no individualismo, agindo injustamente e lesando a unidade da Igreja e da Sociedade” (966). Esta fé que é incapaz de projetar-se na justiça “pode provir dos próprios cristãos e ainda de sacerdotes e religiosos quando anunciam um Evangelho sem implicações econômicas, sociais, culturais e políticas. Na prática, esta mutilação equivale a certa cumplicidade — ainda que inconsciente — com a ordem estabelecida.

#### **g) A opção preferencial pelos pobres**

Se Cristo “lutou contra tudo o que se opõe a que se realize a fra-

ternidade entre os homens” (682), aqueles que querem ser seus discípulos e “seguir seus caminhos” devem traduzir, hoje e aqui, na América Latina estas exigências do Evangelho. Os Bispos o fazem e lembram-nos que o Amor de Deus que se torna comunhão de Amor com todos os homens, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para aqueles que mais a necessitam uma vez que “a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir projetadas sobre o plano muito concreto das realidades temporais”. Os Bispos concluem este raciocínio com uma afirmação que tem força especial: “O Evangelho deve ensinar-nos que, diante das realidades que vivemos não se pode hoje, na América Latina amar deveras ao irmão, e portanto a Deus, sem promover-se em nível de estruturas, no serviço e promoção dos grupos humanos e estratos sociais mais carentes e humilhados” (327).

Por esta razão os Bispos constatarem como um sinal de esperança e de alegria “a ação pastoral comunitária intensa dos religiosos e das religiosas nas zonas mais pobres” (1309) e afirmam “que a abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da Vida Religiosa latino-americana. De fato, é cada vez maior o número de religiosos que se encontram em áreas marginalizadas e difíceis, em missões entre indígenas, num trabalho silencioso e humilde” (733). Existe “uma presença maior dos Religiosos nas áreas mais pobres e difíceis” (121). Esta opção merece todo o apoio e os

Bispos se comprometem a dá-lo: “Estimular os religiosos a que assumam seu compromisso preferencial pelos pobres” (769) e isto com uma consciência mais clara da missão evangelizadora (Cf 92). Esta opção, por outro lado, os Bispos a exigem também aos presbíteros (670, 711) e a si mesmos para fazer compreender “pela sua vida e atitudes sua preferência por evangelizar e servir aos pobres” (707).

Poder-se-iam destacar três condições para esta opção preferencial: 1) que nasça de motivos evangélicos, 2) que, por esta mesma razão, não exclua o amor universal, e 3) que implique uma séria formação e preparação. Estas condições pedidas aos Religiosos são também colocadas para todos os cristãos.

#### **h) Motivação evangélica da opção pelos pobres**

A primeira condição para os religiosos na sua opção pelos pobres, é que nasça do Evangelho e não de outros motivos, por exemplo, sociais, políticos, econômicos (528, 529). A motivação evangélica exige “uma identificação cada dia maior com Cristo pobre e com os pobres” (1140); “aceitar e assumir a causa dos pobres como se estivéssemos aceitando e assumindo a própria causa de Cristo” (Men. 3); “reconhecer os rasgos sofredores de Cristo” (31) nos rostos concretos dos pobres da vida real. A própria apresentação da vida de Jesus não deve esquecer sua vida pobre (190, 584), sua comunhão com as angústias e esperanças do seu povo (176), e o fato de que não “rejeitou viver até à morte com os mais postergados”

(316). Também a figura de Maria está associada à de Jesus pobre, já que Ela “conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (316), e proclama “que a salvação de Deus está relacionada com a justiça para com os mais pobres” (1144). Por esta razão afirmam os Bispos “o serviço aos pobres é a medida privilegiada e não exclusividade do nosso seguimento e do nosso serviço a Cristo (1145).

Quando é o Evangelho o que nos leva aos pobres, e não outras motivações temporais, é em realidade, o próprio Espírito de Cristo quem nos move: “A Igreja, em cada um dos seus membros é consagrada em Cristo pelo Espírito, enviada a anunciar a Boa Nova aos homens” (361). Neste processo é necessário “que o Senhor nos guie para fazer efetiva a unidade com os pobres, os humildes e os simples, num mesmo corpo e num mesmo Espírito” (974). Anunciando o Evangelho aos pobres encontra neles “um potencial evangelizador, posto que eles interpelam constantemente a Igreja chamando-a à conversão, e porque eles realizam na sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus” (1147).

#### **i) Amor preferencial mas não excludente**

A segunda condição que os Bispos destacam para a opção pelos pobres, e que pode ser considerada uma consequência direta da motivação evangélica, é a universalidade da caridade, em harmonia com a opção preferencial pelos pobres. O Evangelho nos ensina que Jesus Cris-

to “faz o bem a ama a todos sem distinção” (15). Por isto quem, em sua evangelização exclui a um só homem do seu amor, não possui o Espírito de Cristo; por isto a ação apostólica tem que abarcar a todos os homens destinados a ser filhos de Deus (205).

Suposto, portanto, que o amor cristão é universal, e sempre à imitação de Jesus Cristo, devemos mostrar um amor preferencial ao pobre. O serviço evangelizador da Igreja “dirige-se a todos os homens sem distinção. Deve, porém, refletir-se sempre nele, a especial predileção de Jesus pelos mais pobres e os que sofrem” (270). Como o amor de Jesus, também o nosso deve ser um amor “que abraça a todos. Amor que privilegia os pequenos, os débeis, os pobres” (192). Tal é o exemplo que nos dá o Papa dirigindo-se aos pobres: “sendo pobres, tendes direito aos meus desvelos particulares, e digo-vos o motivo: o Papa vos ama porque sois os prediletos de Deus” (cit. em 1143).

#### **j) Adequada formação**

A opção pelos pobres, que implica escutar as suas aspirações e perceber os seus desejos de justiça, expressos muitas vezes através de organizações populares, põe o religioso em contato com um mundo difícil, delicado: o da política. Para saber manter em todo momento a identidade da Vida Religiosa, requer-se um discernimento constante e formação adequada. A opção pelos pobres “traz efeitos negativos quando falta a preparação adequada, o apoio comunitário, a maturidade pessoal, a motivação evangélica” (735). A

“falta de preparação para o trabalho no campo social” (122) é, pois, um dos possíveis motivos das crises, tensões e fracassos.

### **1) Assumir as conseqüências da opção**

Nem sempre é fácil optar pelos pobres. Além das condições requeridas, que dependem mais do próprio religioso que quer solidarizar-se com os oprimidos, surgem situações exteriores, não dependentes da sua vontade, que se expressam como “falta de apoio” (122, 735) ou incompreensão. Mas esta prova de fidelidade ao pobre não é exclusiva do religioso; é comum a todos os cristãos, a toda a Igreja. Também esta é incompreendida e outros grupos sociais tem-se afastado dela” (83). “A ação tão positiva que a Igreja vem desenvolvendo em defesa dos direitos humanos e sua atitude para com os pobres, fez com que grupos economicamente dominantes e que se julgavam sustentáculo do catolicismo, sintam-se abandonados pela Igreja que, segundo eles, teria descuidado sua missão espiritual” (79).

Outra conseqüência importante para a ação apostólica dos religiosos é a necessidade de “revisão das obras tradicionais para responder melhor às exigências da evangelização” (734).

## **II. Os caminhos da Igreja e da vida religiosa na América Latina**

Na primeira parte destas reflexões partimos do específico da vida religiosa na sua contemplação da rea-

lidade (atitude contemplativa, compromisso de transformação, adaptação do carisma) para completar esta visão como de toda a Igreja que se sente interpelada, por uma situação de pecado, isto é, uma brecha entre ricos e pobres, que leva a optar pelos oprimidos por motivos evangélicos.

Nesta segunda parte procedemos de modo inverso. Consideramos primeiro qual é o “projeto” ou o “caminho” que para toda a Igreja propõem os Bispos em Puebla. Depois, fixamo-nos naquilo que é o projeto específico da Vida Religiosa no nosso continente.

### **A. Os caminhos da Igreja**

A realidade analisada constitui um desafio à Evangelização (90, 281, 328, 358, 864). Existe um “mistério de iniquidade mediante fatos e estruturas que impedem uma participação mais fraterna na construção da sociedade e na participação dos bens que Deus criou para todos” (267). A missão da Igreja, de natureza religiosa “implica construir também aqui uma sociedade mais fraterna” (9). A Igreja quer ser a “escola onde se eduquem homens capazes de fazer história, como Cristo” (274). Só uma evangelização que chegue a iluminar as diferentes dimensões da existência nos permitirá entender que a conversão pessoal e a transformação social se implicam e se unem. Por isto, é também uma meta da evangelização “a mudança que, para ser mais plenamente humanas, requerem as estruturas em que vivem e se expressam os homens da América Latina” (295).

A evangelização “é a missão própria da Igreja” (4), de todo o povo de Deus. É sua vocação primordial, sua identidade mais profunda” (348) toda a comunidade cristã é sujeito responsável da Evangelização” (474). A Igreja é “servidora do Evangelho para transmiti-lo aos homens com toda fidelidade”, mas deve converter-se ela mesma, isto é, receber sempre de novo a Palavra da Verdade que se faz vida” (394) “com a constante revisão da sua própria vida” (338).

A Evangelização tem um conteúdo definido: “A proclamação da Boa Nova” (150). “Dá a conhecer a Jesus Cristo como o Senhor” (352, 321). “O fim que o Senhor prescreveu à sua Igreja é de ordem religiosa (519), mas desta mensagem derivam-se luzes e energias que servem para estabelecer e consolidar a sociedade humana, segundo a lei de Deus”. Depois de constatar que esta tarefa evangelizadora está se realizando na América Latina, faz quatro séculos, como o demonstra o substrato católico da nossa cultura (7, 412, 445, 1028, 391) e as expressões da religiosidade popular (6, 445, 497, 448, 109, 450) os Bispos fixam três grandes linhas de projeto evangelizador do continente: anunciar a Cristo, construir a Igreja, defender o homem.

#### a) **Anunciar a Cristo**

Cristo é nossa riqueza. Riqueza que existe já na fé do nosso povo (171, 172) e que requer ser mantida, purificada das ambigüidades, de reducionismos que fazem de Cristo só um profeta ou um líder revolucio-

nário, ou reduzem “ao campo do meramente privado a quem é o Senhor da História” (178). Por isto os Bispos anunciam a verdade total de Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

Como homem viveu em nosso meio, compartilhando “a vida, as esperanças e as angústias do seu povo” (176) e exerceu o seu ministério anunciando o Reino (177), mostrando-o presente com seus milagres (191); desmascarando o maligno (191) e enfrentando-se com as forças do mal (192), até a aceitação do resultado deste antagonismo, a cruz (194).

Como Filho de Deus, Jesus de Nazaré é o Cristo, o Verbo, em quem o Pai esboçou o mundo e o homem (184); verdadeiro Senhor da história (174), que revela também seu Senhorio no político (516). Em sua ressurreição o Pai revela seu amor (195) e a convocação dos povos (196), o triunfo da justiça de Deus sobre a justiça dos homens (197). O Senhor derrama seu Espírito presente na história dos povos (201), fonte de comunhão, de dons e carismas (207).

A Igreja aprende de Cristo a dignidade do homem (188, 319). Na sua catequese deve “anunciar explicitamente o Cristo libertador” (1031), posto que oferece ao homem de hoje sua palavra e sua vida para levá-lo à sua libertação integral (166). Jesus é “a força de Deus, capaz de transformar nossa realidade pessoal e social” (181), mas exige um “seguimento radical que abarca todo o homem, todos os homens e envolve a todo o mundo e a todo o cosmos. Esta radicalidade faz com que

a conversão seja um processo nunca acabado, tanto a nível pessoal como social. Por que se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas 193).

## b) Construir a Igreja

Jesus anunciou o Reino de Deus. A Igreja continua este anúncio, constituindo-se ela mesma “no lugar onde se concentra ao máximo a ação do Pai, que na força do Espírito de Amor, busca solícito os homens para compartilhar com eles sua própria vida trinitária” (227). A Igreja é germem do Reino, por isto sua presença na América Latina é Boa Nova (229).

A natureza da Igreja é mistério de encontro do divino e do humano, “uma realidade humana, formada por homens limitados e pobres, mas penetrada pela insondável presença e força de Deus trino, que nela resplandece, convoca e salva” (230). A natureza da Igreja está explicada em Puebla, com as imagens de “povo”, “família”, “Comunidade”. Como povo revela a universalidade de raças, e a presença profética na história (237, 51, 307, 409, 267, 268). Como família, mostra a vocação à fraternidade humana, sob o olhar do Pai (239, 241, 242). Povo e família que são convocados pelo Espírito, fonte de unidade, mesmo nas tensões (246), da mesma maneira que a eucaristia (246), e o ministério da reconciliação (247), sob a direção de Pastores.

Uma das realidades mais vitais da nossa Igreja Latino-Americana é a multiplicação de comunidades ecle-

siais de base (96-100, 239, 273, 364, 629, 630, 642), que devem superar certos riscos, mas que constituem uma esperança do futuro eclesial.

Maria é Mãe da Igreja, modelo de fidelidade à obra de Jesus. Ela é a grande protagonista da história, perfeita discípula que se abre à Palavra, e que expressa no Magnificat as maravilhas que Deus realiza nela e também na história do mundo (293, 296, 297). É também modelo do serviço da Igreja aos povos da América Latina, porque sentiu “a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio” (302, 303).

## c) Defender o homem

A evangelização da América Latina “exige da Igreja uma palavra clara sobre a dignidade do homem” (306). “Grave obrigação” (316) de revalorizar entre nós a imagem cristã do homem (321). A visão do homem deriva da fé em Cristo (305, 333, 169, 182, 339, 497, 551, 1308). Ali aprende a Igreja a grandeza da liberdade humana e a defende contra restrições e ameaças, seja por concepções míticas e pré-científicas (308) ou por determinismos derivados das ciências. A liberdade humana fica ferida pelo pecado que é ruptura de amizade e de relação com Deus (238, 239, 330, 331).

Desta visão do homem, a Igreja deriva sua compreensão dos direitos humanos, assim como os motivos para promovê-los e defendê-los. Vivemos num contexto onde crescem as violações dos direitos huma-

nos (49, 87, 41-44, 50, 18, 134). Mas a Igreja considera seu dever defendê-los (146, 1268, 1254). Por exigência evangélica e de acordo com a sua missão, deve empenhar-se em promover a justiça e em defender a dignidade e os direitos humanos (706). Há uma visão cristã que sustenta que “os direitos fundamentais do homem não são outorgados por governos todo-poderosos, senão que têm como autor o próprio Criador e Pai” (485). Nesta tarefa de defesa dos direitos humanos, a Igreja se encontra com todos os homens de boa vontade (1223, 1283, 1292, 1119).

Para garantir constantemente o respeito aos direitos do homem, os povos se organizam de acordo com as ideologias; mas quando estas não têm uma adequada visão do homem, não chegam realmente a defender todos estes direitos, por causa das suas visões parciais. “As ideologias levam em si mesmas a tendência a absolutizar os interesses que defendem, a visão que propõem e a estratégia que promovem” (536). As várias ideologias vigentes na América Latina não garantem a promoção integral e solidária de todos os homens: Nem o liberalismo (28, 348, 642, 47, 55, 56, 64, 66, 95, 185, 423, 501, 542, 555), nem o marxismo (48, 313, 543, 544, 546, 561, 545), nem a segurança nacional (54a, 548, 42, 1262, 510, 49, 547, 560, 549), nem a tecnocracia, que pode coexistir com as anteriores (1240, 315, 129).

A defesa do homem, sua promoção integral, devem ser o resultado de um compromisso sério dos cristãos, da Igreja toda, sob as orientações da doutrina social (472, 473,

540, 474, 1304, 489), que se deve guiar principalmente a ação dos leigos na mudança das estruturas (525, 552, 795). Para isto, faz-se mister dar esta formação nos nossos colégios, universidades, centros de formação, e neste sentido, toca-se também a formação dos próprios religiosos como educadores para formar a outros na doutrina da Igreja (823, 1033, 1196, 525, 1226, 1224).

## **B. Os Caminhos da Vida Religiosa**

Face a esta realidade do homem latino-americano e de uma Igreja que quer cumprir sua visão evangelizadora, a Vida Religiosa “viveu uma busca para definir a identidade do seu próprio carisma” (120). A partir da fidelidade ao próprio carisma como uma forma concreta de obediência à graça salvadora de Cristo, os religiosos se sentiram chamados a revitalizar a sua própria vida, respondendo às novas necessidades do povo de Deus (757, 762). Da mesma maneira “que através de todos os tempos brotam na Igreja como expressão da força do seu amor que responde solícitamente às necessidades dos homens” (756), os carismas como riqueza do Espírito, projetam-se sobre os novos tempos e as novas necessidades, mediante uma “atualização e adaptação” (772) que os Bispos querem favorecer e animar.

A identidade da Vida Religiosa define-se essencialmente como seguimento de Jesus Cristo no serviço à Igreja. “O Pai de Jesus Cristo, querendo libertar a nossa história do germen de indignidade e de morte que é o pecado, escolhe em seu Fi-

lho, mediante o Espírito, mulheres e homens batizados para um seguimento mais radical de seu Filho Jesus Cristo, dentro da Igreja” (740). Na oração dá-se de modo privilegiado uma participação no mistério trinitário, posto que o Pai chama a viver com Jesus e com Ele envia os seus consagrados, ungidos pelo Espírito (746, 745). Maria é modelo de consagração. Os religiosos, à imitação de Maria, encarnarão a Palavra em sua vida, e como ela e com ela, oferecê-la-ão aos homens em uma contínua evangelização (745).

O seguimento de Jesus, próprio da Vida Religiosa, realiza-se em Comunidade, com o testemunho público dos votos, e como uma profunda experiência de Deus que enche a vida inteira.

#### a) **Experiência de Deus**

A experiência de Deus é múltipla; dá-se no viver fraterno, na expressão de consagração pelos votos. Mas de forma muito privilegiada manifesta-se na oração. Os Bispos constatam que o desejo “de interiorização e aprofundamento na vivência da fé” é um sinal positivo de renovação da vida religiosa (726).

A oração reveste múltiplas formas: pessoal, comunitária, com o povo (727), enriquecida pela liturgia da Igreja. Mas destaca-se em particular, a mútua relação entre vida e oração de modo que a oração leva a um compromisso na vida, e, por sua vez, a vida exige momentos e espaços de oração, que iluminam o sentido dos acontecimentos. Na opção por uma vida religiosa mais evangelizadora, os Bispos manifestam o

propósito de “favorecer a atitude de oração e contemplação que brota da Palavra do Senhor, escutada e vivida nas circunstâncias concretas da nossa história” (760). Os religiosos “numa vida de contínua oração são chamados a mostrar aos seus irmãos o valor supremo e a eficácia apostólica da união com o Pai” (751).

#### b) **Votos**

Os votos são considerados como expressão de consagração e também de missão, de modo que a consagração como reserva é focalizada na sua relação com a missão evangelizadora. “Os conselhos evangélicos assumidos mediante os votos” expressam a consagração radical a Deus e ao serviço dos homens (746). A “consagração total e radical a Deus implica dois aspectos inseparáveis e complementários: entrega e reserva a Deus generosa e total; serviço à Igreja e a todos os homens” (759).

Por esta razão os votos, vividos desta maneira são também um apelo e uma interpelação à sociedade e à própria Igreja, como recorda Paulo VI na EIV 69, de modo que o “testemunho silencioso de pobreza e de desprendimento, de pureza e transparência, e abandono na obediência” constituem uma “pregação eloqüente” (750). Os votos são, em certo sentido, um modo de incidência do religioso no político. “Os religiosos por sua forma de seguir a Cristo também cooperam na evangelização do político. Numa sociedade pouco fraterna, dada ao consumismo e que se propõe como fim último o desenvolvimento das suas for-

ças produtivas materiais, os religiosos deverão ser testemunhas de uma real austeridade de vida, de comunhão com os homens e de intensa relação com Deus” (528).

Os votos têm, pois, um sentido de pública “contestação” ao pecado de nossa sociedade. Seu sentido evangelizador aprofunda-se quando se conhece a realidade em que vivemos, seus desafios e suas interpelações. A Vida Religiosa reformula-se para dar a esta sociedade concreta e de forma absolutamente inequívoca o testemunho de Cristo. Os religiosos “vivendo pobremente como o Senhor e sabendo que o único Absoluto é Deus, compartilham seus bens, anunciam a gratuidade de Deus e dos seus dons, inauguram deste modo a nova justiça e proclamam de um modo especial a elevação do Reino de Deus sobre tudo que é terreno, as exigências supremas do mesmo, e são uma denúncia daqueles que servem ao dinheiro e ao poder, reservando egoisticamente para si os bens que Deus outorga ao homem para o bem de toda a comunidade” (747). A opção preferencial pelos pobres, da que falamos, iluminou a relação da pobreza religiosa “com a pobreza dos marginalizados, que já não supõe só o desprendimento interior e a austeridade comunitária, senão também o solidarizar-se, compartilhar e, em alguns casos, conviver com o pobre” (734).

Da mesma maneira, a castidade é uma contestação: “num mundo em que o amor está sendo esvaziado da sua plenitude, onde a desunião acrescenta as distâncias, e o prazer se erige como ídolo, os que pertencem a Deus em Cristo pela castidade con-

sagrada, são testemunhas da aliança libertadora de Deus com o homem e, no seio da Igreja particular são presença do amor com que Cristo amou a sua Igreja e se entregou a si mesmo por ela; são, finalmente, para todos um sinal luminoso da libertação escatológica vivida na entrega a Deus e na nova e universal solidariedade com os homens” (749).

Igualmente, o voto de obediência tem um caráter contestatório: “A obediência consagrada, vivida com fortaleza como sacrifício de si mesma, será expressão de comunhão com a vontade salvífica de Deus e denúncia de todo preceito histórico que não faça crescer o homem em sua dignidade de filho de Deus” (748).

### c) Comunidade

Uma terceira característica do seguimento de Jesus na vida religiosa é que se realiza em comunidade. O comunitário na consagração religiosa não é acidental, como mera soma de pessoas consagradas, senão que se oferece a Deus e ao mundo a comunidade consagrada como expressão do Reino. “A vida de comunhão fraterna vivida com todas as suas exigências, e à qual estão convocados os consagrados é o sinal do amor transformador que o Espírito infunde nos seus corações, mais forte que os laços da carne e do sangue”. (752). “Pessoas diferentes, às vezes, de nacionalidade diversa, participam da mesma vida e missão em íntima fraternidade. São deste modo testemunho eloqüente da vida de Deus trino na sua Igreja, da mesma comunhão eclesial, e atuam como fermento de comunhão entre os homens e

de coparticipação dos bens de Deus” (753).

Também no aspecto da vida comunitária, houve transformações na América Latina. Os Bispos constataam os “diversos estilos de vida comunitária. Para certas obras e de acordo com os diversos carismas funcionais, existem comunidades numerosas. Também surgem pequenas comunidades que nascem geralmente do desejo de inserção em bairros modestos ou no campo, ou de uma missão evangelizadora particular. A experiência mostra que estas pequenas comunidades devem garantir certas condições para ter êxito: motivação evangélica, comunicação pessoal, oração comunitária, trabalho apostólico, avaliações, integração no Instituto e na Diocese, através do do serviço indispensável da autoridade” (731).

A Vida Religiosa define-se também pelo serviço da Igreja. Segue-se a Jesus na Igreja e para a Igreja. Neste sentido, a tarefa evangelizadora, que é comum a todo o povo de Deus (4, 348, 474, 85, 271, 349, 272, 338), corresponde também, de forma especial, aos religiosos.

O Papa João Paulo II recordou: “aqueles religiosos que vieram a anunciar a Cristo Salvador, a defender a dignidade dos indígenas, a proclamar seus direitos invioláveis, a favorecer sua promoção integral, a ensinar a fraternidade como homens e como filhos do mesmo Senhor e Pai Deus” (8). A Vida Religiosa arraigada desde há muito nos povos da América Latina é um dom que o Espírito Santo concede sem

cessar à sua Igreja como um meio privilegiado de evangelização eficaz.

Mas a presença evangelizadora dos religiosos não se deu só nos momentos iniciais da missão. Hoje “é um motivo de gozo para nós, os Bispos, verificar a presença e o dinamismo de tantas pessoas consagradas que na América Latina dedicam sua vida à missão evangelizadora como o fizeram já no passado. Podemos dizer com Paulo VI: os religiosos se encontram não raras vezes na vanguarda da missão e afrontando os maiores riscos para sua santidade e sua própria vida” (722).

A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana” (733).

Os Bispos afirmam claramente que “a vida religiosa, em todas as suas modalidades, com menção explícita da vida contemplativa, é, em si mesma, pela radicalidade do seu testemunho um modo privilegiado de evangelização eficaz” (856). “O conjunto de toda a vida religiosa constitui o modo específico de evangelizar, próprio do religioso” (725), “expressão vital de valores evangélicos” (761).

“Se todos os batizados foram chamados a participar da missão de Cristo, a abrir-se aos seus irmãos, e a trabalhar pela unidade, mais ainda os que Deus consagrou para si. Estes são convidados a viver o mandamento novo numa doação gratuita a todos os homens” (754). “Surgem assim os serviços suscitados pelo Espírito, como expressão salvífica de Jesus Cristo, os quais, ainda que rea-

lizados individualmente, são assumidos por toda a Comunidade. Ungidos pelo amor de Cristo são fermento de consciência missionária dentro da comunidade eclesial, mostrando-se disponíveis para serem enviados a lugares e situações onde a Igreja necessita uma maior e generosa ajuda" (785).

Daí as opções de Puebla por "despertar a disponibilidade dos consagrados para assumir, dentro da Igreja particular os lugares de vanguarda evangelizadora, em comunhão fiel com os seus pastores e com a sua comunidade e em fidelidade ao seu carisma fundacional" (771), e por renovar a vitalidade missionária dos religiosos, numa atitude de generosa disponibilidade que os leve a dar respostas eficazes e concretas ao problema da desigual distribuição atual das forças evangelizadoras (773).

As tarefas evangelizadoras são realizadas com frequência dentro das obras próprias dos Institutos religiosos. A atualização e adaptação das mesmas, seja pelas exigências de um maior testemunho de pobreza (734), o de uma crescente inserção na Igreja particular, deve ser tema de diálogo com os pobres.

A ação pastoral deve realizar-se dentro da Igreja particular. Nota-se um redescobrimento e vivência do mistério da Igreja particular e um crescente desejo de participar, contribuindo com a riqueza do próprio carisma vocacional. Isto conduz a uma maior integração na pastoral de conjunto e a maior participação nos organismos e obras diocesanas e supradiocesanas (738).

"Como a Igreja universal se realiza nas Igrejas particulares, nestas faz-se concreta para a vida consagrada a relação de comunhão vital e de compromisso eclesial evangelizador. Com elas, os consagrados compartilham as fadigas, os sofrimentos, as alegrias e as esperanças da construção do Reino; e nelas extravasam as riquezas dos seus carismas particulares, como dom do Espírito evangelizador. Nelas encontram seus irmãos presididos pelo Bispo, a quem corresponde o ministério de discernir e harmonizar" (741) A inserção na Igreja Particular é uma das condições para o êxito das pequenas comunidades (731).

Por sua parte, os Bispos desejam, em nível de formação, "impulsionar o conhecimento da teologia da Igreja Particular entre os religiosos, e da teologia da Vida Religiosa entre o clero diocesano, com vistas ao fortalecimento de uma autêntica pastoral orgânica, em nível de Dioceses e de Conferências episcopais" (767).

Contudo, mais importante ainda que ter idéias claras, o caminho para a solução de tensões e conflitos deve ser o de "criar nas dioceses um tal clima de comunhão eclesial orgânica e espiritual em torno do Bispo, que permita às comunidades religiosas viver sua pertença peculiar à família diocesana; e de maneira especial leve os religiosos presbíteros a descobrir que são colaboradores da ordem episcopal

Os religiosos têm uma experiência de Jesus Cristo, vivida no seu seguimento, que constitui uma riqueza a ser comunicada a toda a Igreja. Nosso próprio modo de vi-

ver está chamado a ser evangelização, testemunho de valores evangélicos, interpelação. Mas, em analogia com as três idéias centrais da evangelização: — Cristo — Igreja — homem, — não temos também uma contribuição a dar, a partir do aspecto da antropologia?

Também aqui, mais que uma doutrina, o que a vida religiosa oferece é o testemunho do homem novo que nasce de Cristo. A liberdade humana que se manifesta nas relações com o mundo, (323, 448, 492, 494, 495, 747) na vida religiosa é vivida pela pobreza, como distância face a estes bens, subordinação do seu uso ao projeto do Reino, testemunho de solidariedade com os empobrecidos pela **injustiça**. A liberdade manifesta-se também no plano das relações pessoais (324, 327, 503, 504, 523); a castidade como afetividade consagrada por inteiro ao Reino tem uma força profética e iluminadora. Finalmente, a liberdade realiza-se por excelência na sua relação com Deus (325, 326, 389), e neste nível o religioso testemunha a sua vontade

de fazer do desejo e dos projetos de Deus o único projeto e desejo da sua vida. A antropologia que oferecem os Bispos em Puebla, pede aos Religiosos que explicitem com as suas palavras e com as suas obras a contribuição para o surgimento do homem novo, para a nova civilização do amor. Esta civilização baseada na comunhão encontra na vida religiosa uma espécie de antecipação e uma promessa; a vida comunitária, o serviço apostólico.

### **Conclusão**

Os documentos de Puebla mostram-nos um caminho fecundo, orientador, para a vida religiosa. É preciso lê-los, reconhecer neles toda a experiência e vida que os Bispos trataram de recolher e expressar; encontrar neles também orientações e pistas para uma vida religiosa renovada por um revigoramento da experiência de Deus, da vida comunitária, da vivência da consagração-missão nos votos, e da inserção na Igreja Particular.

# LIVROS NOVOS

**PENSANDO EM SAÚDE**, Edição CRB/MISEREOR. Vários autores. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1979. Páginas 104. Tamanho 16 x 23.

A realidade brasileira, no tocante à saúde, está muito longe de ser ideal e homogênea. Apresenta deficiências lamentáveis, contrastes chocantes, disparidades inadmissíveis, provenientes de causas muito diversificadas, de ordem natural, histórica, política, cultural e econômica. O fato concreto que ressalta, à primeira vista, indica que carências graves de saúde atingem mais da metade da população brasileira, abrangendo alimentação, habitação, saneamento, condições de trabalho, oportunidade de lazer ou, em poucas palavras, falta geral de condições de saúde.

Apesar de todos os progressos verificados nas últimas décadas, as taxas de mortalidade infantil continuam elevadas, a expectativa de vida baixa, as doenças endêmicas disseminadas por toda parte, as condições de vida precárias e as possibilidades de acesso ao tratamento, limitadas.

Felizmente, hoje, reina insatisfação geral quanto à realidade da saúde no Brasil, sinal evidente de uma nova tomada de consciência. Políticos, sociólogos, sanitaristas, profissionais de saúde, líderes sindicais e religiosos já fazem ouvir a sua voz com veemência. Questionam a

situação e buscam caminhos para garantir a todos saúde e tratamento de saúde. Ninguém pode manter-se alienado. O que se busca é a generalização de condições mínimas de saúde e de tratamento baixo para todos. O sistema de saúde adotado no Ocidente tem condições de atender às reais necessidades da população ou devemos buscar outros caminhos mais simples? As tentativas neste sentido estão se multiplicando um pouco em toda parte.

No Brasil, cerca de 12.000 Religiosos e Religiosas atuam na área da saúde. É um contingente significativo de forças profundamente motivado pelo ideal evangélico de servir e de buscar o bem comum, sobretudo em benefício dos mais pobres e marginalizados da sociedade. O que os religiosos já fizeram e continuam fazendo não pode ficar esquecido nem posto em dúvida. Resta, entretanto, saber se não existe algo mais a fazer. Ou se questionam ou se marginalizam do processo histórico e da fidelidade à própria vocação de promover as exigências do Reino no campo da saúde.

A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB) e a MISEREOR, ao publicarem este livro, querem proporcionar aos Religiosos que atuam na área da saúde, material para reflexão e reavaliação das próprias atividades. Que Deus nos abençoe.

**POVO DE DEUS E COMUNIDADE LIBERTADORA.** Coedição CLAR/CRB. Equipe de Teólogos da CLAR. Ano 1979. Páginas 128.

Este estudo foi iniciado, em Bogotá, em junho de 1976. Foi continuado em Montevideu, em novembro do mesmo ano e foi concluído em Petrópolis, Brasil, durante o mês de agosto de 1977. Como aprofundamento teológico de fatos significativos ocorridos entre nós, o livro insere-se no Projeto de revisão e de síntese da experiência de vida religiosa que articulam as Conferências dos Religiosos da América Latina, com a coordenação da CLAR. Trata-se de um projeto que pretende estudar os últimos vinte anos de vida religiosa, tão densos de mudanças significativas, para neles encontrar constantes acertos, linhas dinâmicas, descobrindo o Senhor das exigências da realidade e nas respostas dadas a ela pelos grupos dos consagrados.

Dentro deste Projeto **Experiência Latino-Americana de Vida Religiosa**, a reflexão teológica era um momento essencial. Tomando-se em conta um dos fatos mais destacados da Igreja Latino-Americana, as comunidades inseridas nos meios populares, a Equipe de Teologia da CLAR iniciou uma pesquisa a partir destas duas interrogações:

1.<sup>a</sup>) Estas comunidades constituem uma experiência, como tantas outras, ou apresentam uma densidade significativa para a fé e para a missão da Igreja?

2.<sup>a</sup>) Além da Vida Religiosa, qual é a perspectiva que se abre, a partir desta experiência, para um descobrimento de Jesus Cristo, de seu Evangelho, da missão evangelizadora?

A CLAR e a CRB apresentam este estudo com uma atitude onde se conjugam a modéstia, a alegria e a esperança. **MODÉSTIA** porque não estamos frente a uma cristologia, nem a uma eclesiolo-

gia completas, mas frente a algumas reflexões, feitas com seriedade científica e profundo sentido eclesial.

**ALEGRIA** porque estamos certos de que este trabalho levará estímulo e força aos que encaram contemplativamente a realidade, dispostos a marcar com suas vidas o seguimento do Jesus do Evangelho. **ESPERANÇA** porque estamos vivendo a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. É mais um subsídio para compreensão de uma Igreja e de Comunidades que serão, cada vez mais, "consciência, sinal e fermento do Reino".

**PUEBLA: DESAFIOS À VIDA RELIGIOSA.** Vários Colaboradores. Edição CRB. Ano 1979. Páginas: 152.

O acontecimento Puebla não só despertou a consciência da Igreja latino-americana, senão que promoveu um movimento sem precedentes de grupos e membros do Povo de Deus que buscam alento e orientação na palavra de seus Pastores. Os trabalhos que se apresentam neste livro da CRB têm a originalidade de ser uma das primeiras contribuições escritas na América Latina para comentar o tema da Vida Consagrada no documento de Puebla.

O capítulo de Puebla sobre a Vida Consagrada tem para os religiosos um grande valor como fonte de inspiração e de estímulo. Especialmente por duas razões:

1.<sup>a</sup>) A Vida Religiosa que nele se descreve não é uma radiografia estática de todos os aspectos nem um estudo sociográfico da sua situação e dos seus trabalhos. O que ali se apresenta são as **TENDÊNCIAS SIGNIFICATIVAS** da Vida Religiosa atual que levam um dinamismo transformador e anunciam e inauguram um estilo de Vida Consagrada mais evangélico e evangelizador. Embora

haja ainda grupos e até Congregações que se marginalizaram deste movimento de renovação, são cada vez mais numerosos e qualificados os religiosos que vão aumentando esta corrente vital que já não pode ser detida.

2.<sup>a</sup>) O fato mais alentador, porém, é que os Bispos em Puebla acolheram estas tendências como a contribuição dos Religiosos da América Latina, fizeram-nas suas e as propuseram oficialmente aos Religiosos e a toda a Igreja no Continente como caminho a seguir. É como dizer-nos: "Sigam estas linhas de renovação porque esta será sua melhor contribuição à Evangelização no presente e no futuro da América Latina".

**PUEBLA: DESAFIOS À VIDA RELIGIOSA** está à sua disposição na CRB NACIONAL ou em qualquer uma de suas Regionais. Vá buscar o seu exemplar e o exemplar de seus Religiosos.

**OS RELIGIOSOS: VOCAÇÃO E MISSÃO. UM ENFOQUE EXIGENTE E ATUAL.**  
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ.  
Edição CRB. Ano 1979. Páginas: 148.

Em 1977, a CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL fez a primeira edição deste livro do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo. Uma tiragem de 5.000 exemplares. Esgotada completamente e sendo numerosos os pedidos, a CRB lança esta segunda edição. É simplesmente uma reedição. Nem ampliada nem melhorada.

Schopenhauer distinguiu dois tipos de escritores: os que escrevem por escrever e os que escrevem para dizer alguma coisa. Creio que o Pe. Marcello pode estar nesta segunda categoria. Esta primeira edição esgotada é um consistente depoimento a favor dos Religiosos e Religiosas do Brasil. É preciso então relê-lo e surpreender os sentidos subjacentes de suas páginas.

As páginas de **OS RELIGIOSOS: VOCAÇÃO E MISSÃO. UM ENFOQUE EXIGENTE E ATUAL** fazem parte do esforço dos Religiosos e Religiosas do Brasil para identificar o essencial e não se desviar do caminho em meio à cerração de práticas que representam uma cerração ciclotímica entre experiências de pouca convicção e desvios, quedas e recaídas fatais. Não se pode racionalizar posições que a realidade se encarrega de desfazer. A Vida Religiosa, como fenômeno eclesial, tem futuro na medida em que cada um e o grupo no seu todo prepararem condições de autenticidade para pensar e agir em consequência, sincronizando as categorias permanentes do Evangelho com as exigências da presente caminhada da história.

Isto é abrir-se aos sinais do tempo. É atentar-se aos sinais de Deus. É equilibrar o profetismo e o carisma da vocação religiosa. É descobrir a trilha de Deus no emaranhado dos acontecimentos dos homens. É referenciar a vida ao Evangelho e não aos aspectos episódicos e temporais de sua expressão.

Ninguém pode persistir em colocar-se no caminho da evolução necessária. Mas exige-se sincronização. Esforço de compatibilização e convergência. Idéias claras e senso crítico. Penetrar o âmago das questões. Decidir-se com probidade coerente e objetiva. Não ficar em cima do muro, quando o muro é pequeno e não dá para tanta gente. A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, ao reeditar **Os Religiosos: Vocação e Missão. Um enfoque exigente e atual** do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, reafirma sua convicção de que só o essencial da Vida Religiosa — a prioridade absoluta de Deus e a consequente relativização de tudo o mais — é capaz de a todos congregar e de forma duradoura. Pisar, sem receio, neste terreno de saudável consistência, é um banho de imersão na esperança.

# LENDO ESTE NÚMERO

1. A vida em Cristo e no Espírito é um dom gratuito de Deus que se acolhe pela fé. A fé tem o sentido de abertura a uma pessoa, com segurança e confiança plenas. A fé é um abrir-se ao Deus da Aliança, fiel a suas promessas.

•

2. Os religiosos acostumados, por formação, a alimentar sua fé e a expressá-la através de atos e gestos sacrais, são agora chamados a fazê-lo em circunstâncias e situações seculares: trabalho técnico e profissional, eficácia e competência, luta pela libertação, compromisso sócio-político. "Os sinais, mediante os quais, a fé se expressa, serão certamente outros e diferentes dos usados num mundo sacral: cultivo da bondade natural das coisas, assim querida por Deus, honestidade profissional, respeito às pessoas, coragem para aceitar o relativo e força para não absolutizar os bens deste mundo com suas ideologias."

•

3. Toda experiência de Deus é mediatizada, próxima ou remotamente, pela experiência do irmão: fides ex auditu. Se outra experiência passar a ocupar o centro, o religioso não encontrará mais a sua identidade.

•

4. Nossa conduta social é parte integrante de nosso seguimento de

Cristo. Como religiosos que professamos seguir a Cristo, o social não pode estar alheio a nossa visão de fé, tanto mais que a Igreja condena a todos aqueles que tentam reduzir o espaço da fé à vida pessoal e familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem aí relevância.

•

5. O discurso normativo da vida comunitária não é um discurso teórico, mas um discurso prático. Fazemos não o que queremos mas o que percebemos poder ou nos é permitido diante da realidade histórica que está diante de nós.

•

6. A preferência por evangelizar e servir aos pobres está condicionada a três critérios. Esta opção: (1) Deve nascer de motivos evangélicos. (2) Não pode excluir o amor universal. (3) Exige séria formação e preparação. Isto se exige do religioso e de qualquer cristão.

•

7. Há uma visão cristã que sustenta que os direitos fundamentais do homem não são outorgados por governos todo-poderosos, senão que têm como autor o próprio Criador e Pai. Nesta tarefa da defesa dos direitos humanos, a Igreja se encontra com todos os homens de boa vontade.